



Novembro-Dezembro de 2007

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



## Preservando a herança do Senhor

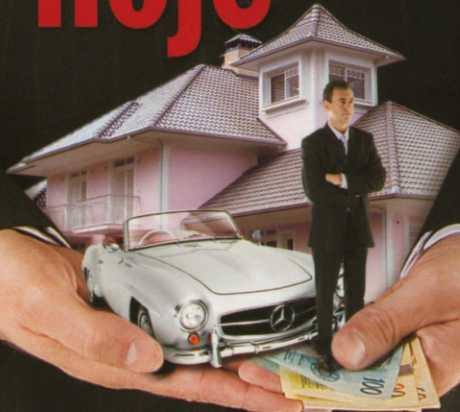
Ministrar aos filhos é o primeiro dever do pastor

## Vencedores com Cristo

Reflexão sobre a crença fundamental adventista votada na última assembléia mundial da Igreja

# Idolatria ontem e hoje

O que os pastores do século 21 podem aprender da experiência de Arão







James A. Cress

Secretário de Campo da  
Divisão Interamericana

# Evangelismo da amizade

Certa mãe perguntou ao filhinho se ele gostara de seu primeiro dia na escola. “Odiei”, ele respondeu. “Colocaram-me em uma sala cheia de crianças, mas ninguém ligava para ninguém.” Esse novo aluno descobriu que estava sozinho na multidão. Indivíduos que se unem a uma igreja na qual não participam logo sentem que estão em condição idêntica.

Estudos em crescimento de igreja apontam três componentes essenciais para que novos membros permaneçam na fraternidade eclesíastica: habilidade para articular suas crenças, relacionamentos ativos com amigos e ministério pessoal significativo. A falta de um desses componentes faz com que o novo crente sobreviva em estado de fraqueza. Se faltarem dois, ele já estará sendo expulso da fraternidade que tão prontamente abraçou.

Um novo membro sem amigos é uma tragédia; simplesmente uma estatística e, não raro, essa estatística se torna uma realidade em nossas igrejas. Embora esse assunto preocupe todas as denominações, os adventistas têm maior desafio que as outras, por causa dos fatores peculiares que cercam a instrução doutrinária ministrada a membros em perspectiva.

O recrutamento típico de novos membros pelo evangelismo adventista enfatiza posições teológicas singulares da igreja em comparação a outros a quem falta toda a verdade, ou boa vontade para seguir tudo o que sabem. Assim, os adventistas recebem pessoas teologicamente convencidas, que abraçam as doutrinas e se unem à igreja local, algumas vezes, com base apenas nessas convicções teológicas.

Embora as convicções teológicas sejam necessárias, sozinhas, elas são insuficientes para conservar novos crentes. Se o alto nível de confiança na veracidade da doutrina adventista não for emparelhado com amizade e envolvimento, as expectativas podem ser despedaçadas. Como resultado, os novos crentes podem experimentar rejeição, sofrimento e fúria, no momento em que necessitam amor, aceitação e perdão. Ao experimentar esses sentimentos, eles se colocam fora do compromisso com outros crentes.

John Savage, pastor metodista, entrevistou um grupo de membros inativos a respeito de suas razões para terem deixado a igreja. Ele descobriu que “cada uma de 23 pessoas entrevistadas disse que ninguém da igreja procurou

saber a razão de sua perda de interesse, ou do seu afastamento. Um terço desse grupo chorou durante a entrevista, indicando a intensidade de sentimentos pendentes”.<sup>1</sup>

Sentindo-se desnecessários e indesejados, esses novos irmãos desenvolvem uma atitude de indiferença diante da rejeição. Ken Abraham disse: “Muitos psicólogos concordam em que o oposto do amor não é ódio; é indiferença. Por exemplo, um casal com problemas conjugais tem melhor chance de reconciliação, se houver sentimentos entre eles, independentemente de quão negativos sejam esses sentimentos. Mas, se o casal é indiferente em seus sentimentos, levará muito tempo para reencontrar o amor que antes os uniu. ... A mesma coisa é verdade,

no campo espiritual. A indiferença é uma assassina. Mesmo reações negativas são melhores que nenhuma reação. Se você se sente deslizando em direção à indiferença espiritual, deve agir corretivamente sem demora!”<sup>2</sup>

Entretanto, em lugar de reconhecer suas próprias atitudes de abandono ou a subsequente reação de indiferença dos novos membros, os membros antigos costumam concluir que o processo de doutrinação dos novos foi insuficiente e que essa é a causa da apostasia.

Além disso, pastores ou membros cujas energias são direcionadas ao constante recrutamento de novos membros são rotulados como interessados apenas em “números”. Essa destrutiva transferência de culpa nega o próprio mandato da comissão evangélica de levar as boas-novas a toda criatura debaixo do céu.

As pessoas não são números, quando nós as amamos, valorizamos, oramos com elas e por elas e ministramos às suas necessidades. Números são importantes apenas porque representam indivíduos que necessitam ser alcançados para Cristo. Quando compreendermos os números a partir dessa perspectiva, entenderemos que um indivíduo permanece um número até que alguém se torne seu amigo e lhe dedique interesse pessoal. Fazer amigos torna-se, então, não apenas um excelente e muito necessário método de conservar novos crentes, mas também uma estratégia evangelística efetiva. ❧

Referências:

<sup>1</sup> John Savage, *The Apathetic e Bore Church Member* (Reynoldsburg, OH: Lead Consultants, 1981), p. 57.

<sup>2</sup> Ken Abraham, *The Disillusioned Christian* (San Bernardino, CA: Here's Life Publishers, 1991), p. 127.

*Sozinhas, as doutrinas  
são insuficientes  
para conservação de  
novos crentes*



Foto: William de Moraes

# “Não terás outros deuses”

Em seu âmago, o grande conflito não é travado superficialmente em torno de regras, leis, códigos ou decretos. Embora o quarto mandamento da lei de Deus, tão perfeita e santa como perfeito e santo é Seu caráter, seja “a pedra de toque”, cuja aceitação, finalmente, definirá de que lado estarão homens e mulheres nessa controvérsia milenar, a questão é mais profunda que pura e simplesmente a letra da lei. Podemos defini-la em uma palavra: adoração. A quem renderemos culto? A quem constituiremos como Senhor de nossa vida? À qual soberania alegremente nos entregaremos: à de Deus ou à do arquiavélico enganador, considerando que, nessa guerra, não existe neutralidade?

A Bíblia, nossa única regra de fé e prática, revela a incontestável supremacia do Deus criador de todas as coisas. Já no primeiro mandamento de Sua lei, Ele declara: “Não terás outros deuses diante de Mim” (Êx 20:3). Sendo Ele o único e verdadeiro Deus, requer lealdade absoluta de todos quantos O aceitam como tal. A mera crença em Sua existência não basta; muito menos a superficial profissão de reconhecimento. Devemos-Lhe absoluta e total lealdade, entrega de todo o nosso coração. Nossas perspectivas e expectativas de vida, nossos pensamentos, sentimentos, valores e motivos devem ser dirigidos por Seu querer. Honrá-Lo em todos os nossos caminhos tem de ser nossa primeira ocupação.

Qualquer atitude ou modo de conduta que destoe disso resvalará para a idolatria, mesmo que não represente ado-

ção de outras divindades, nem nos prostremos diante de suas imagens representativas. Ellen White afirma: “Proíba-se ao homem conferir a qualquer outro objeto o primeiro lugar nas suas afeições ou serviço. O que quer que acariciemos que tenda a diminuir nosso amor para com Deus, ou se incompatibilize com o culto a Ele devido, disso fazemos um deus” (*Patriarcas e Profetas*, p. 305). É perigoso depender de alguma coisa ou pessoa que não seja Deus.

Infelizmente, para muitos de nós, líderes cristãos, nem sempre tem sido fácil lutar contra as seduções do mundo, nessa era tão materialista. Aparentemente, é mais fácil confiar no que é visível e temporal. Isso pode nos induzir a violar o princípio do primeiro mandamento em nome de alguma conveniência ou comodidade. Um exemplo do qual podemos extrair preciosas lições é o de Arão e a confecção do bezerro de ouro, no sopé do Sinai. Esquecido da grandeza e unicidade do Deus que o libertara do cativeiro egípcio, o povo ansiou por outros deuses. Querendo se manter popular, Arão transigiu, construindo o bezerro para satisfação de todos. Que trágica experiência!

É oportuno que reflitamos: A quem priorizamos na tributação de honra e da nossa mais estrita lealdade – a Deus, ou a nós mesmos, com nossas pretensões egoístas de fama, apego ao poder, popularidade, riqueza e tantos outros deuses criados ou manipulados pelo “deus deste século”, a fim de satisfazer o ego e alimentar o orgulho do ser humano?

Zinaldo A. Santos

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Ano 78 – Número 06 – novembro/dezembro 2007  
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação: Lenice F. Santos

Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos

Programador Visual: Marcos S. Santos

Capa: Montagem sobre fotos de Daniel Oliveira, André Rodrigues/sxc (casa) e David Simmonds/sxc (carro)

Colaboradores Especiais:

Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;

James Cress; Nikolaus Sateilmajer

Colaboradores:

Acílio Alves Filho; Abner Tello Panduro;

Eugenio Jará Morán; Francisco C. Bussos;

Graciliano M. Filho; Ivanaudo B. Oliveira;

José S. da Silva Jr.; Moisés Rivero; Patrício B. Alfaro;

Roberto Gullón; Valdilho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br) / E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaeministerio](http://www.dsa.org.br/revistaeministerio)

Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5972/18214

Assinatura: R\$ 44,00

Exemplar Avulso: R\$ 9,20

Norte – Assinatura: R\$ 49,80

Exemplar: R\$ 10,38



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,  
sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



**10 PLANEJAMENTO EVANGELÍSTICO**

Orientações para se planejar eficazmente o crescimento de uma congregação.

**12 QUESTÕES ABERTAS**

Como administrar as perguntas sem respostas do diálogo fé-ciência.

**15 NOSSA MAIOR NECESSIDADE**

Embora as qualificações acadêmicas sejam importantes, precisamos de algo mais.

**17 IDOLATRIA ONTEM E HOJE**

Ainda existem “bezerros de ouro” que precisam ser destruídos.

**21 OUÇA SEUS OUVINTES**

Um caminho que ajuda o pregador a chegar ao coração de sua audiência.

**23 VENCEDORES COM CRISTO**

Uma reflexão baseada na 28ª crença fundamental adventista.

**27 TRANSFORMADOS PELA GLÓRIA DIVINA**

O profeta Isaías continua falando aos pastores modernos.

**29 PRESERVANDO A HERANÇA DO SENHOR**

Não há nada que justifique a negligência do pastor para com os filhos.

Foto: Dynamic Graphics



pág. 23

## Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

*“O Espírito Santo não flui através de métodos, mas através de homens. Ele não é derramado sobre equipamentos, mas sobre homens. Não unge planos, mas homens de oração.” — E. M. Bounds*

# Nas mãos de Deus

*“Tenho dificuldade em compreender quão graciosamente o Senhor nos concede dons e habilidades para cumprirmos Sua missão”*

por Nikolaus Satelmajer

Nascido na Bélgica, o Dr. Raoul Dederen é professor emérito de Teologia Sistemática na Universidade Andrews, Estados Unidos. Antes de se integrar ao corpo docente dessa universidade, em 1964, ele serviu como pastor de igreja em seu país, de 1947 a 1954, e professor de Teologia no Seminário Adventista Salève, em Collonges-sous-Salève, na França. Durante o período em que lecionou na França, obteve também o doutorado na Universidade de Genebra, Suíça.

Sua profundidade teológica, seus métodos de ensino e fácil relacionamento fizeram dele um professor muito admirado pelos alunos. Aliás, por suas aulas passaram milhares de pastores que servem à igreja em todas as partes do mundo, revelando o mesmo comprometimento com o Senhor, a Bíblia e a missão, captado da experiência do mestre.

Residindo com a esposa, Louise, em Berrien Springs, Michigan, o Dr. Dederen concedeu esta entrevista na qual partilha aspectos inspiradores de sua vida, seu ministério e missão.

**Ministério:** Quando o senhor chegou à Universidade Andrews, costumava dizer que os três temas de maior importância

para a igreja eram: Revelação/inspiração, cristologia e eclesiologia. Passados 33 anos, o que mudou?

**Dederen:** Esses temas e seus subprodutos basicamente continuam dominando a teologia. Eles são partes do fundamento de todo o restante. Cada doutrina é afetada pelo modo como alguém aborda essas áreas fundamentais de teologia. Tem havido muitos encontros e há muitas publicações em que se discutem esses temas. A maioria dos encontros e publicações é positiva e animadora, pelo menos de minha perspectiva, embora, em alguns poucos casos, haja certa tendência de se usar pressuposições extrabíblicas.

**Ministério:** Quais algumas dessas pressuposições?

**Dederen:** Por exemplo, há teólogos que defendem a idéia de que Deus não revelou verdades aos profetas, porém revelou-Se a Si mesmo a eles. Depois do encontro entre Deus e o profeta, este interpreta o contato em termos relevantes ao seu contexto. Assim, Deus não revelou verdades a Moisés, mas revelou-Se a Si mesmo. Moisés, então,

traduziu o encontro em leis e preceitos relevantes para o povo israelita. Você pode imaginar o que isso representa para a autoridade das Escrituras. Há também a mentalidade pós-modernista, segundo a qual, se existem verdades reveladas, elas não podem ser absolutas. Tais verdades são coloridas pela personalidade de alguém, e ninguém pode falar com certeza e autoridade. Por isso, nada é consistente; sua visão é tão boa quanto a minha, especialmente se ambas supostamente nos levam a Cristo. A questão permanece na mente de muitos: “Quem é Cristo? O que Ele feio fazer?”

**Ministério:** De que maneira esse conceitos nos atingem?

**Dederen:** Precisamos ficar atentos, porque eles negam a veracidade de várias afirmações bíblicas. Por exemplo, veja Rudolf Bultmann, talvez o teólogo mais influente da segunda metade do século 20. Para ele, os autores do Novo Testamento não apenas escreveram sobre Deus e a realidade em termos que refletiam as visões popularmente mantidas no primeiro século, que seriam



Divulgação



insustentáveis hoje, mas seus escritos nem mesmo deveriam ser considerados relatórios objetivos e confiáveis do que aconteceu na vida deles. Na visão de Bultmann, eventos como a Encarnação, o nascimento virginal, a Transfiguração e a maioria dos milagres e ensinamentos do Senhor têm de ser “desmitificados”. O que, ainda segundo Bultmann, não significa ser totalmente descartados, mas reintegrados em termos e categorias relevantes ao moderno mundo científico em que vivemos. Por exemplo, as declarações sobre a ressurreição de Cristo não deveriam nos fazer entendê-la como fato literal, mas que Ele foi ressuscitado na vida dos apóstolos, transformando-os. Quer dizer, tais escritos apenas revelam o impacto que a morte de Cristo causou neles.

*“Por que deveríamos levar mais a sério os teólogos; e não os profetas que experimentaram um encontro com Deus?”*

**Ministério:** Qual é o teólogo que mais o tem impressionado ou influenciado?

**Dederen:** É difícil dizer. Provavelmente, Oscar Culmann. Mas, embora outros teólogos tenham idéias questionáveis sobre a autoridade das Escrituras, me influenciaram no sentido de me levar a decidir ouvir somente a Bíblia. Para mim, ela sempre foi a última palavra. Quando os teólogos questionam a validade de um encontro entre Deus e o profeta, por exemplo, temos que buscar a resposta bíblica. E essa resposta sempre é muito clara: Deus Se comunica, partilha informações, com o profeta, e ponto final. Por que deveríamos levar mais a sério os teólogos, e não os profetas que experimentaram o fenômeno de um encontro com Deus?

**Ministério:** O que produziu no senhor esta paixão pela teologia?

**Dederen:** Não sei. Acho que algum

tipo de abrasadora devoção por alguma coisa ou alguém que você descobriu. Aceitei a Cristo Jesus nos anos 40 e, a partir daí, comecei a descobrir uma verdade bíblica fascinante após outra. Ao alguém compreender uma verdade que esclarece suas dúvidas, que lhe causa impacto e transforma sua vida e a visão das coisas, é impossível querer ficar sem partilhar a verdade descoberta. Nesse processo, a verdade cresce dentro da pessoa. Foi isso o que aconteceu comigo. Essa paixão, como você mencionou, não contradiz a razão, porque você necessita compreender o que encontrou, e necessita encontrar um modo racional, inteligente, natural, de partilhar a verdade, ou a Pessoa, encontrada. Acredito que meus sete anos de treinamento clássico, especialmente em latim e grego, uma hora por dia, cinco dias e meio por semana, entre meus 12 e 19 anos de idade, modelou minha forma de expressar as coisas. Boa parte desse treinamento aconteceu antes do meu encontro com Cristo.

**Ministério:** O senhor se tornou adventista nos anos 40. Então, foi por ocasião da guerra mundial?

**Dederen:** Em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, eu tinha 14 anos. Quando terminou, eu estava com 20 anos. Louise e eu temos vívidas lembranças daqueles anos. Havia muita destruição, pânico e sangue. Frequentemente, eu era incomodado pelo fato de que minha fé católica dificilmente respondia às minhas indagações, principalmente sobre o bem e o mal, assim como sobre o meu futuro e o da Europa. Rejeitei as filosofias de Jean Paul Sartre, muito populares naquela época. Também rejeitei a visão humana sobre um mundo absurdo, com sentimentos de angústia e ódio. Foi então que entrei em contato com os adventistas do sétimo dia. Sua compreensão do grande conflito entre Cristo e Satanás e sua interpretação das profecias bíblicas deram algumas respostas significativas. Tudo começou durante uma excursão, no inverno de 1942. Minha irmã e eu estávamos esquiando em montanhas nevadas não muito longe de casa e encontramos alguns jovens adventistas, já conhecidos nossos. Então, os convidamos para se juntarem a nós. Enquanto caminhávamos pelos altos e baixos, eles partilhavam sua fé conosco, começando com a doutrina do milênio.

**Ministério:** Começaram logo pelo milênio?

**Dederen:** Sim. Era o assunto mais relevante naqueles dias. Adolf Hitler, que mandava na Europa, tinha prometido mil anos de reinado alemão. Isso nos levava ao estudo das profecias escatológicas dos livros de Daniel e Apocalipse, em muitas reuniões nas tardes de domingo. Fiquei impressionado e quis me aprofundar no conhecimento daquelas profecias que diziam respeito a eventos tão relacionados a estudos que eu tinha feito antes. Meus amigos muito sabiamente me encaminharam a um adventista leigo que era quinze anos mais velho do que eu. A partir daí, estudamos outras doutrinas bíblicas. Eu nunca recebi estudos bíblicos de um pastor adventista. Não havia muitos disponíveis naquele tempo. Meses depois, comecei a assistir às reuniões de sábado à tarde, muitas das quais achei enfadonhas, exceto pelo fato de que eram dirigidas pelo meu instrutor leigo e, nelas, podia encontrar novamente meus amigos das montanhas nevadas. Terminei me casando com uma daquelas moças, Louise, em 1947.

**Ministério:** Nos últimos anos, o senhor tem enfrentado grande desafio, relacionado com sua saúde. Como está trilhando este caminho?

**Dederen:** No início de 2002, três semanas antes de eu viajar a fim de participar de reuniões na Grécia e no Extremo Oriente, comecei a sentir dores no estômago. O médico ordenou então que fosse feita uma endoscopia cujo resultado acusou a existência de um câncer. Fui submetido a uma cirurgia em que foram retirados o estômago, o baço e parte do pâncreas. Vi a morte bem de perto. Havia muito pouca chance de sobreviver, mas, durante todo esse tempo de prova, recusei-me a perguntar: “Por quê? Por que comigo?” Eu sabia que não havia resposta para esse tipo de pergunta. Durante toda a minha vida, como pastor, sempre aconselhei às pessoas que enfrentavam situações semelhantes: “Confie em Deus, espere em Deus”. Por que agora eu faria diferente, ao viver essa experiência? Minha esposa também rejeitou fazer-se essa interrogação. Ela sempre me dizia: “Raoul, deve haver uma razão, há uma razão pela qual você está passando por isto.” Sei que ela sofreu intensamente, porém jamais renunciou à fé e sempre esperou em Deus. Eu disse a Deus o

seguinte: “Se este é o fim da minha vida, sou agradecido, muito agradecido, pelos anos que vivi e partilhei Cristo e as Escrituras.” Eu era alimentado por um tubo e necessitava de ajuda 24 horas por dia. Os médicos queriam me transferir para uma clínica especializada nesse tipo de cuidado, mas convenci minha esposa a não permitir isso. Ela concordou comigo, e disse aos médicos que, se eu não fosse sobreviver, poderia morrer entre meus livros. O Senhor estendeu Sua mão sobre mim, e ainda estamos aqui: eu, ela e os médicos.

**Ministério:** *Deus seja louvado pela fé que o senhor tem demonstrado, ao passar por essa dificuldade.*

**Dederen:** Com freqüência, eu murmuro algumas passagens das Escrituras e alguns hinos também. Dois deles, de modo particular, estão em minha mente e no meu coração: “Tu és fiel, Senhor” e “Jesus, amoroso e fiel Salvador”.

**Ministério:** *Fale-nos de sua experiência como pastor de igreja.*

**Dederen:** Deixei o catolicismo romano e fui batizado no fim de dezembro de 1944. Os alemães estavam entrencheados não muito longe de nossa casa e o som dos canhões era ouvido ao nosso redor. No início de 1945, iniciei meu treinamento ministerial no Seminário de Collonges, na França. Eu não tive problemas com os estudos. Não me faltavam disciplina intelectual e persistência, já que meus hábitos de estudos anteriores tinham tomado providência quanto a isso. Meu problema era muito mais sério: a falta de conhecimento da Bíblia como um todo. Ao lado disso, meus colegas podiam cantar hinos sem hinário; eu, não. Era uma experiência humilhante. O professor de Bíblia, entretanto, felizmente notou a situação e, certo dia, me chamou e disse: “Irmão Dederen, você é um aluno brilhante, o melhor da classe, mas alguma coisa está errada. Você não conhece a Bíblia. Vá ao meu escritório e eu lhe ensinarei a estudá-la sozinho.” Era isso o que me faltava. Desde então, todas as semanas, por muitos meses, nós gastamos algumas horas no escritório daquele professor, e eu aprendi muitos métodos de estudar as Escrituras. Devo muito ao Dr. Vaucher.

**Ministério:** *Quais foram alguns dos métodos que ele ensinou?*

**Dederen:** Eles eram, de fato, méto-

dos muito simples: estudar um capítulo de cada vez, estudar palavras específicas, buscando seus significados na própria Bíblia. Lembro-me muito bem do professor me pedindo para lhe falar sobre o uso da palavra *mão*, em referência a Deus, e o que isso significava para mim. Foi uma experiência incrível, foi como usar uma lupa. Havia também o estudo de personagens e orações da Bíblia. Uma exaustiva concordância, em inglês, se tornou um dos mais indispensáveis instrumentos em minhas mãos. Fui também ensinado a não utilizar o mesmo método, por um período superior a dois meses, senão, dizia o Dr. Vaucher, “ficaria montando um cavaleiro-de-pau sem sair do lugar”.

*“Vi a morte  
bem de perto.  
Mas o Senhor  
estendeu Sua mão  
sobre mim, e ainda  
estou aqui”*

**Ministério:** *E quanto ao trabalho em si?*

**Dederen:** Quando iniciei meu pastorado em Bruxelas, em 1947, Louise e eu combinamos que eu devotaria todas as manhãs ao estudo da Bíblia, cinco dias por semana; tudo bem cronometrado. Começaria às sete da manhã. Na primeira hora, eu devia ler a Bíblia; apenas ler. Na segunda hora, eu lia a respeito da Bíblia. Para isso comprei dois dicionários, somando, ao todo, seis volumes. A terceira hora seria dedicada ao estudo da Bíblia, com base nos métodos ensinados pelo Dr. Vaucher. Na quarta hora, eu preparava estudos bíblicos e sermões. A quinta hora da manhã era ocupada com o atendimento às correspondências. Durante as tardes e noites, eu ficava mais que ocupado com estudos bíblicos a interessados e visitas aos irmãos. Em poucos anos, percebi que era conhecido como um pregador

centralizado na Bíblia. Depois de dois anos em Bruxelas, fui chamado a preencher uma lacuna em Liège, onde estava localizada a segunda maior igreja de fala francesa na Bélgica. Deveria ficar ali por uns seis meses, enquanto buscavam alguém mais experiente. Acabei ficando cinco maravilhosos anos. Pregava apenas a Bíblia e dirigia duas conferências por ano, uma de seis semanas; a outra de três semanas. Geralmente não havia uma multidão para ouvir: apenas umas 50 a 60 pessoas, que era muito naquele tempo. A igreja cresceu rapidamente. Louise e eu nos alegamos muitíssimo de nosso ministério pastoral. Então, em 1954, veio o chamado para ensinar no seminário da França. Eu estava com 29 anos. Relutei, a princípio, mas acabei cedendo aos apelos da administração, mesmo tentando convencer a todos de que haviam cometido um erro. Ali permanecemos por dez anos, período em que obtive doutorado na Universidade de Genebra, Suíça. Também nos alegamos no ministério de ensino.

**Ministério:** *Então, chegou o tempo da Andrews.*

**Dederen:** Sim, e aqui, novamente, a idéia era permanecer um ou dois anos. Pretendíamos voltar à Europa, mas, logo de início, fomos insistentemente solicitados a permanecer. “Nós oramos a respeito disso, irmão”, nos diziam os reitores. Assim, estamos aqui por 42 anos e, cada vez mais, abençoados.

**Ministério:** *O senhor tem ex-alunos em todo o mundo.*

**Dederen:** Isso é uma bênção para mim. Sempre que encontro meus ex-alunos, eles expressam apreciação e agradecimento sempre relacionados ao aprendizado dos temas revelação/inspiração, cristologia e doutrinas da igreja. Para mim, representa um grande privilégio, uma oportunidade singular, experiência magnífica! Ainda tenho dificuldade em compreender quão graciosamente Deus trabalha, outorgando-nos dons e habilidades para uma tarefa especial em Seu favor e em benefício de Sua causa salvadora de homens e mulheres. É isso que Ele tem feito comigo. Quando solicitado a resumir minha experiência, faço uma paráfrase da afirmação de Paulo em 1 Coríntios 4:1: sou servo de Cristo e despenseiro dos mistérios de Deus. Isso é o que todos nós, na verdade, devemos ser. ❀



# O paciente do leito 2

*Desfigurados, hoje, pela ação do pecado, não vai demorar muito e teremos de novo a beleza do nosso Criador*



Rute C. Lemos

Esposa de pastor,  
trabalha na Casa  
Publicadora Brasileira

AFAM

**T**ambém disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1:26, 27). Essa é a verdade que me foi plantada no coração, desde os tempos de criança, ao freqüentar a Escola Sabatina da igreja de minha infância, ou quando me sentava em volta da mesa com meus irmãos, para a indispensável hora do ano bíblico familiar. Cresci com a certeza de que fomos feitos à imagem de Deus.

Durante o período em que trabalhei como auxiliar de Enfermagem, tive a oportunidade de ver e sentir, muitas vezes e de muitas maneiras, a bondade de Deus na vida de muitas pessoas enfermas. Ao ver o estado em que se encontravam muitas delas, eu me perguntava: "Tem Deus ainda um plano para esta pessoa, na situação em que ela se encontra?" Enquanto me fazia essa indagação, eu descobria que o plano d'Ele, naquele contexto, era para mim. Na verdade, era como se eu mesma ouvisse outra pergunta: "Você cuidará bem deste paciente? Fará por ele o que Eu faria se estivesse em seu lugar?"

Eu costumava sempre chegar ao hospital antes da transferência de plantão. Por isso, incorporei à minha rotina visitar as pequenas enfermarias reservadas aos pacientes do Sistema Único de Saúde, SUS. Ao entrar, verificava se os pacientes estavam bem agasalhados, abria as janelas para dar entrada ao refrescante ar matinal, e aproveitava para lhes desejar "bom dia".

## Imagem distorcida

Em um daqueles dias, ao entrar num determinado quarto, ainda um pouco escuro, logo após abrir a janela, cumprimentei os dois pacientes que estavam à minha direita. Ao me voltar para fazer o mesmo com um que estava à esquerda, parei assustada. A cena ainda está vívida em minha mente, razão pela qual escrevo este texto. Sentado na

borda da cama, havia um homem com um lençol jogado sobre as costas e os olhos fixos no chão.

Era uma figura de cabelos longos e desgrenhados, duros de sujeira, misturados à barba ruiva e comprida. O rosto estava encoberto. Aparentemente queimado do sol, deixava à vista apenas a silhueta dos olhos negros fitando o vazio. Vestia calça, camisa e um velho e esfarrapado paletó sujo de sangue. Com as mãos, mantinha juntas as duas extremidades do lençol, deixando aparecer unhas de uns dois centímetros de comprimento e sujas. Eu me assustara, mas disfarcei. Ele nem se mexeu. Do leito onde se encontrava até a porta do quarto, havia um corredor, pelo qual saí andando devagar e de costas, perdida em um monte de pensamentos. Não resisti. Parei impressionada com o que via, enquanto perguntava: "E agora, por que este homem foi colocado em meu caminho, Senhor? Fomos feitos à Tua imagem; mas não posso ver essa imagem ali. Como pode um ser humano chegar a tal estado? Será possível fazer algo por ele?"

Dirigi-me ao centro de enfermagem, apressadamente, a fim de me certificar de quem se tratava. Na papeleta, estava escrito: quarto 83, leito 2. O local reservado ao nome e endereço estava em branco. Paciente internado para intervenção cirúrgica. Quem seria o misterioso do leito 2? O coitado mais parecia uma aberração da natureza. Mas Deus não é responsável por isso. O pecado, sim, é a distorção do Universo. Na passagem de plantão, a única informação que constava era de que se tratava de um andarilho com um tumor cancerígeno no braço esquerdo. Devido ao sangramento, alguém o levou ao hospital, alguns minutos antes do amanhecer.

Logo percebi que teria um dia muito corrido. As campainhas disparavam a todo o momento nas portas dos quartos e, entre o atendimento a um paciente e outro, eu sempre olhava para o leito 2 do quarto 83. E decidi que, apesar da correria, eu não deixaria que ele sapsse ou permanecesse no



hospital da mesma forma em que se encontrava. Foi então que, num momento mais tranqüilo, a enfermeira-chefe me solicitou que fizesse a medicação de um paciente. Por coincidência, era do mesmo quarto em que se encontrava o andarrilho sem nome.

O medicamento era injetável. Preparei-o, coloquei-o no recipiente apropriado e me dirigi ao quarto. O misterioso paciente notou minha aproximação, fixou os olhos na seringa e se encolheu na cama, pondo-se a chorar alto. Meu coração partiu; aproximei-me dele, toquei seu braço e lhe assegurei: “Não se preocupe, este medicamento não é para você.” Por alguns instantes, ele se acalmou, embora se mantivesse coberto com o lençol.

Terminado meu trabalho com o outro paciente, voltei à enfermaria, apanhei roupas e lençóis limpos, material para curativo e assepsia. Consegui tesoura, pente, barbeador e esponja para banho, e voltei ao quarto 83. Eu estava certa de que, por baixo daquele cabelo desgrenhado e sujo, estava uma pessoa a quem Deus sempre amou.

“Qual é seu nome?”, perguntei, e não tive resposta. “Quer comer alguma coisa?” Silêncio. “Gostaria de trocar estas roupas por uma roupa limpa?” Nada. Percebi que não funcionaria. Então, pegando-o pelo braço, ajudei-o a ficar em pé, dizendo: “Vou ajudá-lo a tirar o paletó e a camisa, para cuidar desta ferida em seu braço.” Deu certo. “Agora vamos cortar o cabelo, fazer a barba e aparar as unhas.” Ele nada falou. Atravessei-me a cortar seu cabelo, mas ele não reagiu. Concluí que o que eu fizesse estaria correto. Depois de cortar o cabelo, falei: “Agora, vou colocar sabonete e toalha no banheiro, para que você tome banho, pois o médico está chegando.”

## Imagem restaurada


Fiz exatamente o que disse, abri o chuveiro na temperatura adequada, mas o homem não se manifestava. Então, com a ajuda do outro paciente, o conduzi ao banheiro. Dei-lhe o sabonete, saí, deixando, por precaução, a porta entreaberta. Apesar do tumor, seu estado físico era normal. Solicitei ao outro paciente que me avisasse quando ele voltasse ao leito, para que pudesse fazer o curativo. Dez minutos depois, fui avisada de que a água do banheiro continuava caindo e não havia sinal de que o homem a estivesse utilizando. Bati na porta do banheiro, mas não houve resposta. Avisei que ia entrar. Abri a porta, e o vi com o sabonete na mão, escondido sob a pia, com medo da água. A solução foi utilizar a mangueira do chuveiro e, com a ajuda do outro paciente (o enfermeiro de plantão havia saído com a ambulância para uma emergência), conseguimos fazer que ele tomasse banho. Ajudei-o a se vestir, pentear o cabelo, fiz assepsia e curativo na ferida em seu braço. Agora, seu as-

pecto era outro. Pele clara, cabelo liso castanho-escuro, boa aparência, calmo, aparentando uns 35 anos, mas não dizia uma palavra. Providencie-lhe desjejum.

Outra campanha tocou, fui atender e me envolvi novamente no corre-corre. Mais tarde, quando voltei ao posto de enfermagem, ouvi o médico fazer uma observação para a enfermeira-chefe: “Não gosto que troquem meus pacientes de quarto sem me avisar e, ainda mais, sem trocar a papeleta.” “Não trocamos nenhum paciente de quarto”, respondeu a enfermeira, ao que o médico indagou: “É onde está o paciente do leito 2 do quarto 83?”

Fui ao quarto 83, para ver se algum paciente havia saído para tomar banho de sol, mas todos lá estavam. Voltei e avisei: “Estão todos lá.” O médico insistiu: “Estarei ficando louco?”, enquanto se dirigia ao quarto e eu o seguia. À porta, novamente perguntou: “Onde está o paciente do leito 2?” Apontei para o homem, dizendo: “É este aí, doutor.” Novamente, o médico falou: “Estou me referindo àquele andarrilho que foi internado nesta madrugada e que estava neste leito.” Assegurei-lhe: “É este, doutor.” Surpreso, ele perguntou desta vez: “O que aconteceu? Meu Deus, que transformação!”

Fiquei feliz, agradecida a Deus, e refleti bastante. Sei que o pecado distorceu a visão das coisas belas que Ele criou, trazendo sofrimento e dor. Porém, a história da humanidade não se encerra na momentânea ou aparente vitória do pecado. Ele termina na vitória de Deus sobre o pecado e suas conseqüências; e essa vitória pertence a mim e a você.

Este é o quadro que tenho em minha mente: o retrato do homem criado por Deus, à Sua imagem e semelhança. Sem pecado o criou. E, muito em breve, voltará para restaurar em nós a imagem que foi desfigurada pelo mal, para completar em nós a obra de limpeza que o Espírito Santo já iniciou em nosso coração e que nos deixará irreconhecíveis, pois seremos muito, muito mais semelhantes a Ele. 





# Planejamento evangelístico



**Emmanuel Oliveira**  
Secretário ministerial  
da Associação Paulista  
Central

*Pastor e comissão da igreja devem responder, juntos, às seguintes perguntas: Onde estávamos? Onde estamos? Aonde queremos chegar?*

Quando pensamos em uma igreja organizada, com toda a sua estrutura de departamentos e recursos humanos e seus desafios missionários, temos que pensar em planejamento estratégico. Disse Jesus: “Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir?” (Lc 14:28).

Planejamento faz parte da vida, pois se não soubermos a direção que devemos tomar, jamais chegaremos ao nosso destino. Muitas igrejas simplesmente não crescem, porque não avaliam nem planejam de acordo com princípios bíblicos. Na verdade, muitas vezes “somos tardios em avaliar quanto necessitamos de compreender os ensinamentos de Cristo e Seus métodos de trabalho”.<sup>1</sup> Nesse sentido, o papel dos líderes é fundamental. “Aqueles a cujo cargo se encontram os interesses espirituais da Igreja devem formular planos e meios pelos quais se dê a todos os seus membros alguma oportunidade de fazer uma parte na obra de Deus.”<sup>2</sup>

## Como planejar eficazmente

Ao estudarmos o perfil de alguns líderes de igreja caracterizados pela falta de organização, verificamos que, em certo sentido, esse fator tem influenciado o planejamento. Alguns líderes são criativos, mas não têm senso de planejamento muito acurado. Necessitam desenvolvê-lo. Como podemos impedir que esse comportamento seja refletido na igreja local? Com trabalho sério e comprometido com Deus que, através do profeta Jeremias, diz: “Maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente” (Jr 48:10).

No processo do planejamento estratégico eficaz, há três itens que devemos ter sempre em mente:

1. Esclarecimento de crenças e valores.
2. Focalização da missão.
3. Ampliação do horizonte, com avaliação, acompanhamento e visão evangelística.

Nossa declaração de missão assegura o seguinte: “A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia é proclamar a todas as pessoas o evangelho eterno no contexto da mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12, convidando-as a aceitarem a Jesus como seu Salvador pessoal e a unirem-se à Sua Igreja; e assistindo-as e edificando-as espiritualmente na preparação para Sua breve volta.”<sup>3</sup>

Três pontos estão bem claros nessa declaração: a crença, a missão e o acompanhamento. Mesmo assim, muitas igrejas não conseguem crescer. Por quê? Simplesmente lhes falta o que chamamos de “funcionamento estratégico”, que se resume em planejamento, organização pessoal, direcionamento e controle (acompanhamento).

## Importância da comissão

“A função primordial da comissão da igreja também é atuar como principal comissão da igreja local. Quando ela dedica seu maior interesse e suas mais vigorosas energias ao evangelismo por parte dos seus membros, é minorada ou evitada a maioria dos



problemas da igreja. Forte e positiva influência é sentida na vida espiritual e no crescimento dos membros.”<sup>4</sup>

Podemos resumir em sete as principais responsabilidades da comissão da igreja: 1) Nutrição espiritual e evangelismo em todos os seus aspectos; 2) preservação da pureza doutrinária; 3) defesa das normas cristãs; 4) recomendação de alterações no conjunto de membros; 5) cuidado das finanças eclesásticas; 6) proteção e cuidado do patrimônio; e 7) coordenação dos departamentos da igreja.<sup>5</sup>

Em muitos lugares, quando a comissão da igreja se reúne, a primeira preocupação de seus membros é a solução de problemas disciplinares, em lugar de nutrição espiritual e evangelismo. Evidentemente, não devemos desprezar a busca por solução de problemas, mas a prioridade é sempre a missão. Outro fator diz respeito à departamentalização sem objetivos claramente evangelísticos. Ela se tem revelado entrave ao crescimento de muitas igrejas, favorecendo disputas internas e concorrência de programas não integrados. A pergunta é a seguinte: Onde os membros, comissão e pastor podem fazer a diferença nesse processo?

“Modalidades mais simples de trabalhar devem ser ideadas e adotadas nas igrejas. Se os membros aceitarem unanimemente esses planos e perseverantemente os executarem, recolherão recompensa farta; porque a sua experiência se irá enriquecendo, a habilidade aumentando e, por seus esforços, pessoas serão salvas.”<sup>6</sup>

A fim de criarem condições de atender a uma apreciação organizacional completa, a comissão da igreja, o pastor e os membros podem responder às seguintes perguntas: Onde estávamos? Onde estamos? Aonde desejamos chegar com nosso evangelismo? É a partir daqui que são estabelecidas

metas de envolvimento ou discipulado, crescimento, acompanhamento e, finalmente, colheita de novos conversos para Cristo. Os líderes precisam aprender a planejar, acompanhar e avaliar. Um pensamento que norteia as lides administrativas estabelece que “confiar é bom, conferir é melhor”.

## Métodos de acompanhamento

No dia-a-dia eclesástico, existem algumas formas de acompanhamento dos projetos evangelísticos locais por líderes e pastores. Ei-los:

**Oficiais da igreja.** O líder planeja apenas para os oficiais e a igreja não é informada acerca dos planos. Não se envolve e não há um sistema de avaliação regular e sistemático. Ao chegar o fim do ano, apenas é dito se funcionou ou não funcionou.

**Acompanhamento verbal.** O líder simplesmente prega, pergunta aos membros como estão as coisas, mas não existe avaliação, redirecionamento e correção de rotas para o crescimento. Tudo não passa das palavras.

**Anotações de dados.** Neste modelo de acompanhamento, o líder anota o que está acontecendo na igreja, e só. Não há planejamento participativo, no qual o líder planeja, coordena e avalia em conjunto com os liderados, motivando e crescendo juntos, com variáveis e correção de rota em alguns momentos.

**Quadro de acompanhamento ou painéis visualizadores.** Trata-se de um passo importante, em que a igreja estabelece alvos de envolvimento, mas ainda não há integração de membros e comissão no processo de planejamento estratégico e avaliação. O líder apenas estabelece o que ele acha, e ponto final.

**Quadro de acompanhamento, visualizadores, comissão e igreja.** Esse é um dos modelos mais simples e eficazes

no crescimento da igreja, pois o líder reúne a comissão e estabelece alvos de envolvimento e discipulado, que são apresentados e votados. Esses alvos podem contemplar os seguintes aspectos: número de membros envolvidos no projeto de intercessores, pequenos grupos, duplas missionárias, classes bíblicas, instrutores bíblicos, evangelismo de colheita e batismos. A partir de então, o líder e a comissão acompanham mensalmente e atualizam os dados, apresentando-os de forma motivadora e espiritual para que a igreja comprove o real envolvimento e veja os resultados do que foi planejado.

Através da comissão da igreja, o acompanhamento e o planejamento evangelístico podem ser eficazes, se os líderes trabalharem de forma organizada. Por isso, é hora de organizar a igreja para cumprirmos a missão e alcançarmos o mundo com o evangelho de Cristo. “É chegado o tempo em que podemos esperar que o Senhor faça grandes coisas por nós.”<sup>7</sup>

### Referências:

- 1 Ellen G. White, *Conselho aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 391.
- 2 \_\_\_\_\_, *Serviço Cristão*, p. 61.
- 3 *Regulamentos Eclesiástico-Administrativos, Divisão Sul-Americana da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*, p. 45.
- 4 *Manual da Igreja*, p. 84.
- 5 *Ibid.*
- 6 Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 66.
- 7 \_\_\_\_\_, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 111.



# Questões abertas



Frank M. Hasel

Professor do Seminário Teológico e diretor do Centro de Estudos Ellen White, em Bogenhofen, Austria

*É possível abordar problemas criacionistas ainda insolúveis e preservar a credibilidade das Escrituras Sagradas*

**T**odo cristão, envolvido com assuntos relacionados à origem da vida e do Universo, frequentemente é confrontado com posições conflitantes a respeito do tema. Que devemos fazer quando a fé e a ciência entram em colisão? Como tratar com questões para as quais não temos respostas adequadas? Como podemos abordar problemas carentes de solução que são trazidos à tona pela ciência natural e ainda manter a credibilidade nas afirmações das Escrituras?

Essas inquietações são legítimas e merecem nossa consideração. Ao mesmo tempo, o fato de analisá-las, por si mesmo, não é garantia de solução fácil, nem elas serão resolvidas através de respostas superficiais. Neste artigo, pretendemos apontar, resumidamente, alguns aspectos que podem nos ajudar a confirmar as verdades bíblicas, apesar de algumas questões em aberto.

Em primeiro lugar, devemos estar sempre lembrados de que perguntas sem respostas são desafio também para outras pessoas que não crêem como os cristãos. Cientistas ateus também se deparam com questões ainda sem solução. Mesmo no contexto de uma explicação puramente naturalista do início da vida na Terra, existem muitos problemas até aqui insolúveis que não podem ser explicados satisfatoriamente através do modelo evolucionista. Todavia, aquelas pessoas que têm uma visão ampla da Escritura também enfrentam significativos desafios oferecidos pelas ciências naturais, quando o assunto é criacionismo. Qual será a melhor forma de enfrentar tais desafios, enquanto, ao mesmo tempo, confirmamos o relato bíblico da criação? Sem a pretensão de ser completo, aqui oferecemos algumas idéias.



## Separe os fatos e sua interpretação

É importante distinguir entre os fatos e a interpretação deles, pois a interpretação, com muita frequência, é ideologicamente distorcida. Discordância entre criação e evolução não significa discordância sobre fatos, mas sobre a interpretação deles. O princípio

que sustenta a verdade dos fatos nas ciências naturais é igualmente válido na interpretação da Escritura. Ou seja, precisamos distinguir cuidadosamente entre o que realmente está escrito nas Escrituras e o que frequentemente é inferido das Escrituras nas tradições extrabíblicas. Isso requer sólido conhecimento dos idiomas e da teologia da Bíblia.

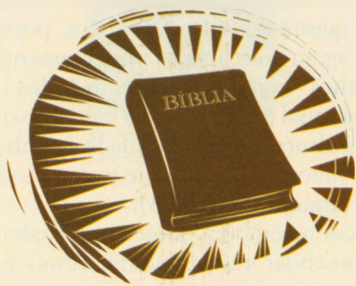
Semelhantemente importante é ter substancial conhecimento das ciências naturais. Para as duas correntes – fé e ciência – é verdade que nem todas as interpretações fazem justiça aos fatos, embora algumas interpretações tenham ganhado o *status* de que são quase incontestáveis.





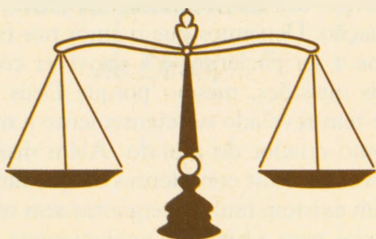
## Permita certa tensão entre a Escritura e a ciência

Fatos científicos que parecem contradizer as declarações bíblicas não devem ser ignorados nem negados. Não devem ser coloridos nem maquiados. Não é aceitável apoiar verdades bíblicas através de fatos maquiados. Também não temos o direito de colorir nossa interpretação das Escrituras, para adaptá-las ao nível científico do dia. Permitir certa “tensão criativa” indica que fomos chamados a buscar soluções que sejam fiéis à Bíblia e imparciais na investigação científica.



## Rejeite respostas superficiais

Buscar soluções que sejam, ao mesmo tempo, fiéis às Escrituras e imparciais na investigação científica implica a necessidade que temos no sentido de resistir à tentação de nos acomodarmos a respostas e explicações superficiais, que não fazem justiça a um tema tão complexo e multifacetado, como este de fé e ciência. Esse tipo de resposta não satisfaz e, no fim das contas, prestará um desserviço à igreja e à fé bíblica.



## Seja honesto

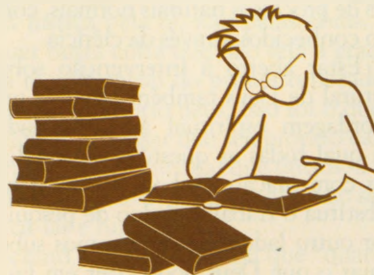
No trabalho de buscar tais respostas,

necessitamos tratar honestamente cada dificuldade. Honestidade implica que reconheceremos a dificuldade e não tentaremos obscurecê-la, sofismar ou esquivar-nos dela. A honestidade sempre é vencedora na longa corrida. Uma pessoa honesta possui mente aberta e está sempre desejosa de aprender. É receptiva ao conteúdo da mensagem que é objeto do seu estudo. Além disso, a honestidade administra os motivos com os quais o intérprete e cientista aborda o texto bíblico e o campo da ciência, bem como inclui a boa vontade para usar métodos apropriados de investigação.

Todo pesquisador precisa enfrentar e responder as seguintes interrogações: Estão meus motivos em harmonia com a Palavra de Deus? São meus métodos apropriados para o assunto científico em apreço e também para o estudo das Escrituras? Deus Se agrada com a sinceridade (1Cr 29:17). Se temos, realmente, a convicção de que a Bíblia é a Palavra de Deus e merece confiança no que afirma, faremos muito melhor em pesquisar e esperar até encontrarmos uma solução honesta para situações desconcertantes, em vez de nos conformarmos com alguma resposta que seja evasiva ou insatisfatória.

A honestidade desmascara toda mentira. Ela inclui fidelidade a Deus, que resulta na independência das pressuposições naturalistas que vão de encontro à Sua Palavra, não importando quão disseminadas e populares tais pressuposições possam ser. Seria apropriado empregar métodos com pressuposições baseadas em premissas materialistas, subversivas à Palavra de Deus, na tentativa de explicá-la e explicar a origem da vida?

Um fato, porém, devemos ter em mente: Embora não compartilhem das premissas materialistas, fomos chamados a ser honestos, gentis e respeitosos para com aqueles que trabalham fundamentados em tais idéias.



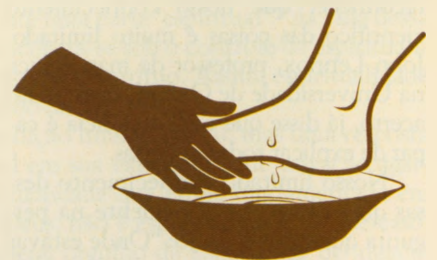
## Seja paciente

Necessitamos de paciência e determinação indomável, a fim de tratar os

assuntos complexos e cada dificuldade que eles oferecem. Precisamos estar bem certos de que, não importa quanto tempo, estudo e cuidadosa reflexão os problemas exijam, nós trabalharemos pacientemente até encontrar a solução. Como cristãos, crentes na Bíblia, temos de reconhecer que, em se tratando de investigação científica da criação, ainda dispomos de recursos limitados para esclarecer totalmente questões obscuras e superar enormes desafios. Embora esteja crescendo, o número de cientistas criacionistas não representa a maioria e, por isso, os resultados de alguns trabalhos ainda são poucos.

Algo que ajudaria bastante seria pesquisar alguns dos problemas em nossos próprios laboratórios, conduzir nossas pesquisas de campo. Porém, tais atividades exigem investimento e necessitam ser desenvolvidas sistematicamente; mas é o tipo de pesquisa que pode ajudar a encontrar respostas cientificamente confiáveis e, ao mesmo tempo, fiéis ao relato bíblico. Se, ainda assim, algumas dificuldades continuarem desafiando nossos melhores esforços, não devemos desanimar. É interessante notar que uma característica dos fiéis no fim da História é a paciência: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12).

O chamado apocalíptico à perseverança foi feito no contexto de claras referências à criação (ver Ap 14:7). Parte de nossa perseverança é nossa capacidade de viver com questões abertas, e ainda ser fiéis à Palavra de Deus. Ela se tem provado absolutamente confiável.



## Seja humilde

Na ciência, assim como na teologia, humildade é uma das mais raras e mais importantes características encontradas naqueles que se dedicam ao estudo de ambas. Humildade demanda boa vontade, modéstia e disposição de uma pessoa em submeter suas crenças a uma autoridade mais alta. Humildade



expressa a despreziosa compreensão de que Deus e Sua Palavra são maiores que a razão humana e nosso entendimento da ciência. “Ao lermos a Bíblia, a razão deve reconhecer uma autoridade superior a si própria, e o coração e a inteligência se devem curvar perante o grande EU SOU”, escreveu Ellen G. White (*Caminho a Cristo*, p. 110).

Toda dificuldade encontrada no relacionamento entre a Bíblia e a ciência precisa ser tratada com a humildade que deve caracterizar todos os seres humanos com suas limitações. Ao reconhecer os limites de nossa mente e nosso coração, não deveríamos supor a inexistência de qualquer solução para um problema relativo ao assunto que estamos considerando, só porque ainda não a encontramos.



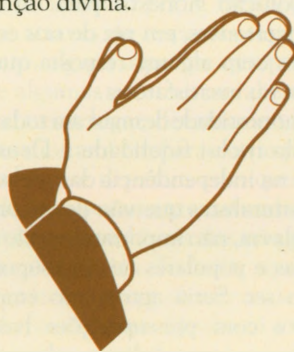
### Reconheça as limitações do conhecimento científico

Ao tratarmos com dificuldades que são atribuídas pela ciência às Escrituras, temos de reconhecer que, em nossa tentativa de explicar o passado distante, não temos todas as informações que gostaríamos de ter, a fim de resolver uma questão difícil. Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que nosso conhecimento científico das coisas é muito limitado. John Lennox, professor de matemática na Universidade de Oxford, com muito acerto, já disse que nem a ciência é capaz de explicar todas as coisas.

Nosso limitado conhecimento dessas questões torna-se evidente na pergunta que Deus fez a Jó: “Onde estavas tu, quando Eu lançava os fundamentos da Terra? Dize-Mo, se tens entendimento” (Jó 38:4). É conscientes dessas limitações humanas que investigamos cientificamente a criação de Deus. Embora as explicações da ciência, às vezes, aparentem onipotência, devemos reconhecer que suas teorias são influenciadas pelas pressuposições filosóficas, além do fato de que o conhecimento

científico pode ser revisto e alterado. A ciência constrói sobre o conhecimento empírico, e isso significa que novos dados podem colocar em dúvida suas teorias. Onde isso já não é permitido, a ciência tem se transformado em ideologia.

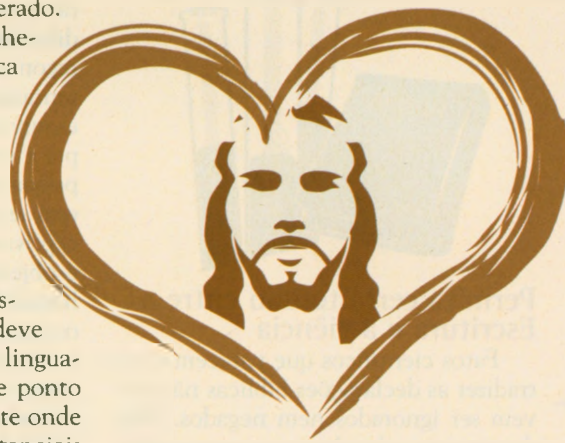
As enfáticas palavras de Wolhart Pannenberg devem ser levadas a sério, quando ele disse o seguinte: “O teólogo não deve apressar-se a adaptar idéias e linguagem teológicas ao mais recente ponto de vista científico, especialmente onde tais adaptações requerem substanciais reajustes a uma doutrina tradicional. A visão teológica do mundo também pode funcionar como desafio à ciência, e como fonte de inspiração para o desenvolvimento de novas estratégias de pesquisa” (*Theology and Philosophy in Interaction with Science* – uma resposta a declarações do papa João Paulo II por ocasião do tricentenário de Isaac Newton, em 1987). Essa nova perspectiva estará aberta à possibilidade da intervenção divina.



### Saiba que Deus intervém

No trato com problemas que dizem respeito ao diálogo fé e ciência, os teólogos e os cientistas crentes devem estar abertos para a realidade de que Deus intervém de modo sobrenatural, e que essa intervenção não pode ser explicada através de processos naturais normais, como são conhecidos através da ciência.

Estar aberto à intervenção sobrenatural de Deus também envolve uma abordagem espiritual às dificuldades, na qual todas as questões são analisadas com oração, embora a oração não substitua o trabalho árduo de pesquisa. Por outro lado, jamais devemos subestimar o que Deus pode fazer em favor de nossa compreensão da Escritura e da natureza, quando trabalhamos com sinceridade e oração.



### Aprenda do amor

Finalmente, podemos aprender do amor. O amor tem evidências fortes que levam à convicção. Porém, o amor não tem 100% de prova matemática ou científica para a existência de qualquer coisa. O amor é mais que evidência científica, é um dom sobrenatural. Portanto, é capaz de perseverar e conviver com questões abertas. Embora, possamos agora ver apenas obscuramente, podemos “compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Ef 3:18).

Assim, embora somente possamos compreender restritamente, nossa esperança é que, um dia, cheguemos a entender plenamente todas as coisas (1Co 13:12). Em outras palavras, o amor é a base epistemológica para o conhecimento e a confiança. Ele é a base de nossa fé e o fundamento de nossa esperança. O amor “tudo crê, tudo espera” (1Co 13:7). “E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção” (Fp 1:9).

Embora existam muitas questões sem ser resolvidas, da perspectiva criacionista bíblica, isso não invalida a posição das Escrituras Sagradas sobre a criação. Deixemos que o amor nos ensine a ser pacientes e a conviver com tais questões, mesmo porque Deus já Se tem revelado suficientemente a nós como criador do mundo. Além disso, devemos estar conscientes de que também existem muitas perguntas sem respostas para a hipótese evolucionista. E parece que algumas dessas questões não diminuem, porém aumentam, com o passar do tempo. ❧



# Nossa maior necessidade



Ferdinand O. Regalado  
Professor de Teologia na  
Universidade Adventista  
de Silang, Filipinas

*“As maiores vitórias da igreja de Cristo, ... são as vitórias ganhas na sala de audiência de Deus, ...”*

Que tipo de homens e mulheres a igreja necessita hoje? Aqueles que ostentam poder e riqueza? Os que podem encantar pessoas com suas habilidades retóricas? Os que possuem habilidades teológicas e pastorais da mais fina qualidade? E. M. Bounds vai à raiz da questão: “O que a igreja necessita hoje não é mais e melhor maquinaria, novas instituições nem novos métodos de trabalho, mas homens que possam ser usados pelo Espírito Santo – homens de oração, poderosos na oração. O Espírito Santo não flui através de métodos, mas através de homens. Ele não é derramado sobre equipamentos, mas sobre homens. Não unge planos, mas homens de oração.”<sup>1</sup>

Espiritualidade – extraída de oração e estudo da Palavra de Deus, sob a capacitação do Espírito Santo, comprometida incondicionalmente com Deus e manifestada num espírito de serviço –, eis o que a igreja necessita hoje. Os negócios do reino de Deus não podem ser conduzidos sem tal espiritualidade. O mundo pode olhar as qualificações educacionais e acadêmicas de uma pessoa. Até a igreja pode, às vezes, nomear como líderes mestres e PhDs. Tudo isso é importante, mas, em si mesmo, não é suficiente. Na igreja, o discernimento espiritual de seus líderes é fundamental.

## Significado de espiritualidade

No sentido secular, espiritualidade é “uma ânsia por alguma coisa espiritual além do que é simplesmente material”.<sup>2</sup> Mas, no contexto cristão, ela é “o conjunto da vida daqueles que responderam ao gracioso chamado de Deus para viver em comunhão com Ele”.<sup>3</sup> Ao nos referirmos à espiritualidade como “o conjunto da vida” de uma pessoa, isso significa que ela “não é supostamente uma parte ‘espiritual’”<sup>4</sup> da vida dessa pessoa. Ao contrário, a totalidade da pessoa encontra-se sob o controle da espiritualidade; nenhuma parte do seu ser pode escapar ao seu escrutínio. Assim, espiritualidade não é meramente fazer, mas ser. Fazer é resultado de ser.

Além disso, espiritualidade não é uma condição humana *per se*, mas uma resposta à graça de Deus. Como tal, a pessoa espiritual em sua experiência de salvação agarra-se à justiça pela fé, não pelas obras. Espiritualidade que esteja fundamentada em qualquer outra coisa que não seja a graça de Deus, não é espiritualidade. Nesse caso, é uma manifestação do primeiro pecado, ou seja, orgulho da capacidade de alguém se tornar seu próprio deus. Isso foi o que transformou Lúcifer em Satanás. O orgulho leva alguém a pensar que seu próprio caminho é suficiente para encontrar salvação, a declarar-se mais espiritual que outros, a medir outras pessoas com base em sua própria experiência. E, ao avaliar que elas não se enquadram em seus padrões espirituais, passa a criticá-las e humilhá-las.

Richard J. Foster afirmou que “quando genuinamente nós cremos que a transformação interior é obra de Deus, não nossa, minamos nossa paixão por corrigir outros”.<sup>5</sup> A espiritualidade que está mais preocupada em julgar e condenar outras pessoas, em lugar de olhar o próprio interior, não é diferente da “justiça” e da “espiritualidade” dos escribas e fariseus (Mt 5:20).



O quadro bíblico da pessoa espiritual é o que é “guiado pelo Espírito de Deus” (Rm 8:14) e vive pelo Espírito (Gl 5:25). Isto é, a espiritualidade não é fruto do esforço humano ou obra do poder de nossa vontade, mas do Espírito Santo. Nossa parte é cooperar com o Espírito, colocando-nos sob Seu controle, a fim de que ele opere em nós a transformação necessária.

## As implicações

O problema que atinge muitos entre nós é que abordamos e percebemos a espiritualidade em diferentes maneiras. De alguma forma temos sido influenciados pelas culturas e tendências do mundo, que enfatiza o sucesso, o reconhecimento público e a imagem que alguém projeta em seus relacionamentos.

Porém, espiritualidade não está focalizada tanto no sucesso à vista dos homens, como no desenvolvimento privado e interior. A devoção particular é algo intensamente pessoal. Esse é o momento em que nos encontramos com nosso criador e somos confrontados por Seus requerimentos. Nada tem que ver com sucesso público, mas com a fidelidade. A espiritualidade não busca ser servida, mas servir. Não se empenha em construir um império para si mesmo, mas construir uma extensão do reino de Deus. O “outro” é sempre o objetivo das ações da verdadeira espiritualidade. Com isso, a pessoa verdadeiramente espiritual experimenta sua devoção através do estudo da Bíblia e da oração, e sai para servir. Nessa experiência, o aplauso dos colegas ou superiores não é preeminente; o que conta é a aprovação de Deus.

Espiritualidade é um caso de relacionamento de dentro para fora, não de fora para dentro. Stephen Covey afirma, com muita propriedade: “A muitas pessoas com grandeza secundária – que é reconhecimento social de seus talentos – falta a grandeza primária, ou bondade em seu caráter”.<sup>6</sup> Observe os atores e atrizes. Muitos têm sucesso na carreira profissional diante do público, mas são fracassados nos relacionamentos privados, como no casamento, por exemplo. A mesma coisa é verdade com outros profissionais.

Covey acrescenta: “A abordagem de dentro para fora ensina que as vitórias particulares precedem às vitórias públicas, e que o ato de fazer e cumprir promessas para nós mesmos precede o de

fazer e cumprir promessas a outros.”<sup>7</sup> Ellen White fez comentário semelhante: “As maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, não são as que são ganhas pelo talento ou educação, pela riqueza ou favor dos homens. São as vitórias ganhas na sala de audiência de Deus, quando uma fé cheia de ardor e agonia lança mão do braço forte da oração.”<sup>8</sup> Esse paradigma é o centro de nossa carência de espiritualidade.


## Por que necessitamos de espiritualidade

David McKay observou que “as maiores batalhas da vida são travadas diariamente nas câmaras silentes da alma”.<sup>9</sup> Ou seja, necessitamos guerrear com nós mesmos, privativamente, examinando-nos e a nossos motivos diante do onisciente Deus. Então, o êxito virá. Necessitamos de vitórias particulares, internas, antes de sonhar com vitórias públicas e externas. O sucesso privado vem antes do sucesso em público. Quando menciono sucesso e vitórias privados, refiro-me à devoção e à disciplina espiritual particulares como meios de fazer crescer a espiritualidade. Necessitamos examinar nossos motivos pessoais, apaziguar nossos conflitos interiores e administrar nossas tendências e fraquezas. Essa é a primeira razão pela qual necessitamos de espiritualidade.

A segunda é porque esta é a vontade de Deus para nós. “Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas”, diz Pedro, “deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2Pd 3:11). E mais: “segundo é santo Aquele vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1Pd 1:15). Em terceiro lugar, como disse Morris Venden, “o cristianismo não é baseado em comportamento, mas em relacionamento. O cristianismo não está fundamentado sobre regras ou credo, mas em uma vida. É envolvimento com uma Pessoa – o Senhor Jesus Cristo”.<sup>10</sup>

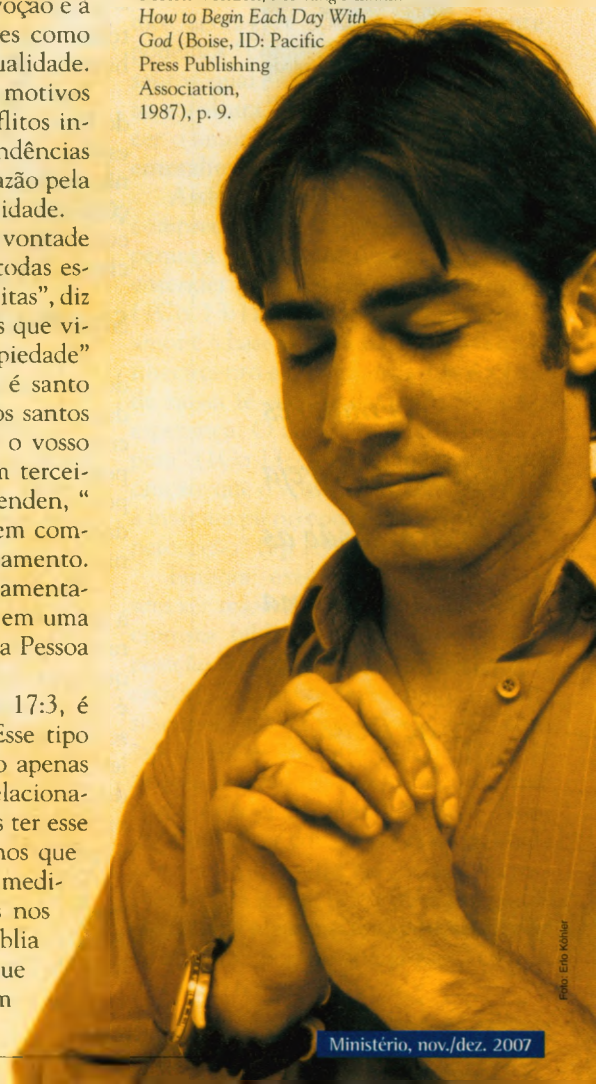
Vida eterna, segundo João 17:3, é conhecer Deus e Seu Filho. Esse tipo de conhecimento não é obtido apenas com a teoria, mas através de relacionamento profundo. Não podemos ter esse relacionamento pessoal, a menos que invistamos tempo em estudo, meditação e oração. Não podemos nos contentar em conhecer a Bíblia somente. Mais importante é que conheçamos seu Personagem

central – Jesus, nosso Salvador. Daí, a resolução de Paulo: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e Este crucificado” (1Co 2:2)

Conhecer pessoalmente Jesus, viver em íntimo e constante relacionamento com Ele, e servi-Lo com extrema devoção formam a base da verdadeira espiritualidade. Essa é a maior necessidade da igreja e seus pastores hoje. 

### Referências:

- <sup>1</sup> Edward M. Rounds, *Power Through Prayer* (Grand Rapids, MI: Baker, s/d), p. 5, 7.
- <sup>2</sup> David J. Atkinson, editor, *New Dictionary of Christian Ethics & Theology Pastoral* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1995), p. 807.
- <sup>3</sup> Ibid.
- <sup>4</sup> Ibid., p. 808.
- <sup>5</sup> Richard J. Foster, *Celebration of Discipline: The Path to Spiritual Growth* (Londres: Hodder & Stoughton, 1987), p. 9.
- <sup>6</sup> Stephen R. Covey, *The 7 Habits of Highly Effective People: Restoring the Character Ethic* (Londres: Simon & Schuster, 1989), p. 22.
- <sup>7</sup> Ibid., p. 43.
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 203.
- <sup>9</sup> Citado em Stephen R. Covey, *Op. Cit.*, p. 294.
- <sup>10</sup> Morris Venden, *Morning Manna: How to Begin Each Day With God* (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1987), p. 9.





# Idolatria ontem e hoje



Carol M. Norén

Professora de Homilética  
no Seminário Teológico  
de Chicago, Estados  
Unidos

*O coração humano, como dizia Calvino, é uma fábrica de ídolos. Mas não precisamos ser escravizados por eles*

**E**nquanto Moisés descia o Monte Sinai, com as tábuas dos Dez Mandamentos, ficou horrorizado ao ver a desenfreada orgia que tinha lugar lá em baixo. Posso pintar o quadro: mocinhas dançando licenciosamente como se estivessem sob efeito de drogas, coroas de flores sendo lançadas sobre o ídolo, homens comendo, bebendo e pulando freneticamente em volta dele. Todos aclamavam o bezerro de ouro, como se fosse o deus que os conduzira até ali, depois de libertá-los da escravidão egípcia.

Se o episódio tivesse acontecido no século 21, talvez a multidão estivesse rodeando o bezerro em luxuosos carros conversíveis enfeitados, talvez as pessoas estivessem abrindo garrafas de champanha e uísque, ou exibindo corpos seminus. Em outras palavras, quando eu visualizo a idolatria, vejo pessoas que são iguais a mim ocupadas em fazer coisas proibidas que não me tentam.

O que é geralmente esquecido em minhas lembranças das cenas do Sinai, ou de minha transferência delas para o mundo contemporâneo, é Arão, o irmão e representante de Moisés. Não há dúvida de que Arão é personagem significativa dessa história, porém, é verdade que eu gostaria de lembrar a cena da orgia por causa da festa com o animal, e não pelo líder religioso que a tornou possível. Se eu focalizo muito diretamente a Arão, como líder, não posso deixar de focalizar também a mim mesma, à luz da idolatria. Para os líderes modernos, idolatria continua sendo a mesma coisa que sempre foi nos dias de Arão e dos recém-libertos israelitas.

## Chamado ao ministério

Considerando a história de Arão, podemos traçar paralelos entre nosso chamado e o dele, e entre sua capitulação, e a nossa, diante da idolatria. Contudo, justamente porque o Altíssimo não desistiu de Arão, estou confiante em que Ele age da mesma forma conosco.

Deus chamou Arão dentro de um relacionamento já existente. Inicialmente, o chamado divino não lhe foi direto; ele o recebeu através de seu irmão. O Senhor disse a Moisés que Arão possuía o dom de falar em público e que isso deveria ser usado para cumprimento dos Seus propósitos. Quantos de nós, primeiramente, tivemos uma sugestão do chamado de Deus, não porque uma grande mão foi vista do Céu acenando para nós, mas porque alguém da nossa comunidade de fé nos despertou para o fato de que Deus tinha um plano para nós? Quantas vezes, durante os anos de preparo, ou mesmo ao longo do trabalho, temos experimentado encorajamento, correção ou confirmação do Espírito Santo, através de outra pessoa? Deus chamou Arão através de outro servo: Moisés. E Arão entrou em desgraça – idolatria – quando fez o que pareceu certo e apropriado a seus olhos, sem referência a Moisés.

Nós fomos chamados para a causa de Deus e, como Arão, temos uma mensagem cuja transmissão nos foi confiada. A instrução de Jeová para ele foi esta: “Falará a Faraó, para que deixe ir da sua terra os filhos de Israel” (Êx 7:2). O mesmo Senhor nos confiou uma mensagem ainda mais gloriosa: pregar o evangelho de Jesus Cristo a toda nação. Deus



capacitou Arão com poder sobrenatural, de modo que ele pudesse demonstrar que sua mensagem, de fato, provinha do Senhor. Semelhantemente, você e eu, como ministros da Palavra, recebemos poder e autoridade celestiais.

Deus amou Arão, o chamou para Sua causa, e tinha um plano especial para ele e seus descendentes. No Monte Sinai, o criador falou a Moisés a respeito desses planos, dizendo: “Farás vestes sagradas para Arão, teu irmão, para glória e ornamento” (Êx 28:2). E tudo devia ser feito da mais fina qualidade, com “ouro, estofa azul, púrpura, carmesim e linho fino” (Êx 28:5). Foi ordenado que também se fizesse uma lâmina de ouro puro na qual estaria gravada a inscrição “santidade ao Senhor”.

Essa lâmina seria amarrada com um cordão de estofa azul e colocada na mitra, sobre a testa de Arão (Êx 28:36-38). Pode você imaginar-se andando com uma placa na qual se lê: “Santidade ao Senhor”? Deus disse ainda que Arão e seus filhos deviam ser ungidos e consagrados para que pudessem servir a Deus, não ao povo, como sacerdotes. Isso não significa que eles deviam separar-se do povo; ao contrário, deviam liderar a comunidade israelita no verdadeiro culto a Deus. Era seu dever observar as leis de pureza que o Senhor tinha dado a Moisés. Deviam ser santos ao Senhor.

Hoje, os cristãos já não têm um sacerdócio passado de pai para filho, e não sacrificamos animais no templo. Alguns de nós vivemos em culturas que valorizam muito a vestimenta; outros, nem tanto. Tenho dito aos meus alunos que qualquer traje que eles usarem, para liderar o culto, isso acabará adquirindo *status* “oficial” e estará sujeito a interpretações teológicas, mesmo se for o mesmo terno escuro em todo fim de semana. Algumas pessoas verão em nosso traje algo como nossas convicções religiosas, e essas convicções podem, ou não, ser bem recebidas. Qualquer que seja a cor ou etiqueta que usemos, seremos vistos como Arão, a quem Deus chamou e orientou para que, em suas vestimentas, houvesse um sinal identificando-o como “santo ao Senhor”.

Deus não sugeriu a Moisés que orientasse Arão a fazer uma pesquisa entre o povo sobre o tipo de roupa com que gostariam de vê-lo vestido, ou que tipo de animais poderiam ser oferecidos em sacrifício. De fato, Ele não fez isso porque ser “santo ao Senhor” significa

buscar em Deus os padrões e critérios mediante os quais devemos desenvolver nossa vocação.

Deus chamou Arão e também nos chama. O criador dos céus e da Terra sabe muito bem o que e como deseja que Seus sacerdotes sejam e façam. Deus colocou Suas mãos sobre Arão e, através dele e de Moisés, operou grandes maravilhas. E Moisés reafirmou a posição de Arão como líder entre o povo da aliança.

*“Cometemos  
idolatria quando  
estamos famintos  
dos aplausos do povo,  
em vez de buscarmos  
a aprovação  
de Deus”*

### O escorregão do líder

Porém, Arão se curvou às demandas do povo. Talvez, ele tenha pensado: “Sou pastor e devo tentar satisfazer as necessidades das pessoas. De mim se espera que sirva esta congregação, facilite a expressão religiosa espontânea das pessoas, não que me comporte como um profeta desmancha-prazeres. Será que não devo contextualizar a teologia e o culto? Não é verdade que devo levar mais a sério a presente realidade socioeconômica? Sou o líder. Se pretendo sobreviver neste deserto, o melhor que faço é ir junto com o povo, a fim de ter sucesso.” Isso, decididamente, não foi seguro.

A queda de Arão rumo à idolatria não foi uma deliberada e dramática rejeição do Deus de Israel. Não. Foi algo semelhante à descrição de C. S. Lewis em suas *Cartas do Inferno*: “A estrada mais segura para o inferno é gradual – a ladeira moderada, o terreno macio, sem curvas inesperadas, sem cascalhos nem placas de advertência”. A idolatria de Arão aconteceu passo a passo, como

suspeito que aconteça a muitos de nós.

Como isso aconteceu? Primeiramente, Arão falhou na comunicação franca e aberta com o povo, enquanto esperava que Moisés descesse do monte. “Faze-nos deuses que vão adiante de nós”, clamou a multidão. Mas, quem, na verdade, havia conduzido o povo até ali? Arão devia ter trazido esse fato à lembrança de todos. “Pois, quanto a este Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe terá sucedido”, o povo continuou dizendo (Êx 32:1), aparentemente esquecido das palavras introdutórias dos Dez Mandamentos: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20:2).

Moisés foi instrumento de Deus, mas, foi pelo poder divino que os israelitas foram libertados do Egito. E, naquela ocasião, ainda houve as instruções de Moisés no sentido de que Arão e Hur ficariam responsáveis pelo cuidado de todos, até que ele retornasse (Êx 24:14). Todavia, parece que o povo e Arão tinham memória seletiva, ou trocaram as lembranças pelos desejos do momento.

Arão deveria ter destacado, rapidamente, a importância do concerto divino, mas não o fez. Em vez disso, tentou condescender com o propósito de manter a segurança de sua posição. Um estudo cuidadoso do texto de Êxodo 32 mostrará que ele aparece agradável, sutil e calculista em todo o capítulo. Ele não disse que estava se afastando de Jeová, para praticar idolatria; simplesmente pediu ao povo: “Tirai as argolas de ouro das orelhas de vossas mulheres, vossos filhos e vossas filhas e trazei-mas” (Êx 32:2). Então, fundiu e modelou essas jóias num bezerro, símbolo popular em antigas religiões orientais. A multidão foi ao delírio! E gritou: “São estes, ó Israel, os teus deuses”. Quando Arão viu aquele entusiasmo, construiu um altar e, tentando caminhar em duas estradas, declarou: “Amanhã será festa ao Senhor”. Estou segura de que seu “ibope” foi ao céu, nessa ocasião.

Bem, todos nós sabemos o que aconteceu no restante da história. Moisés desceu do monte. A temperatura de sua ira subiu. Ele quebrou as tábuas da lei, jogando-as ao pé do monte, queimou o bezerro, “e o reduziu a pó, que espalhou sobre a água, e deu de beber aos filhos de Israel” (Êx 32:20). Em seguida, se dirigiu a Arão, o sacerdote escolhido por Deus, e lhe disse: “Que te fez este



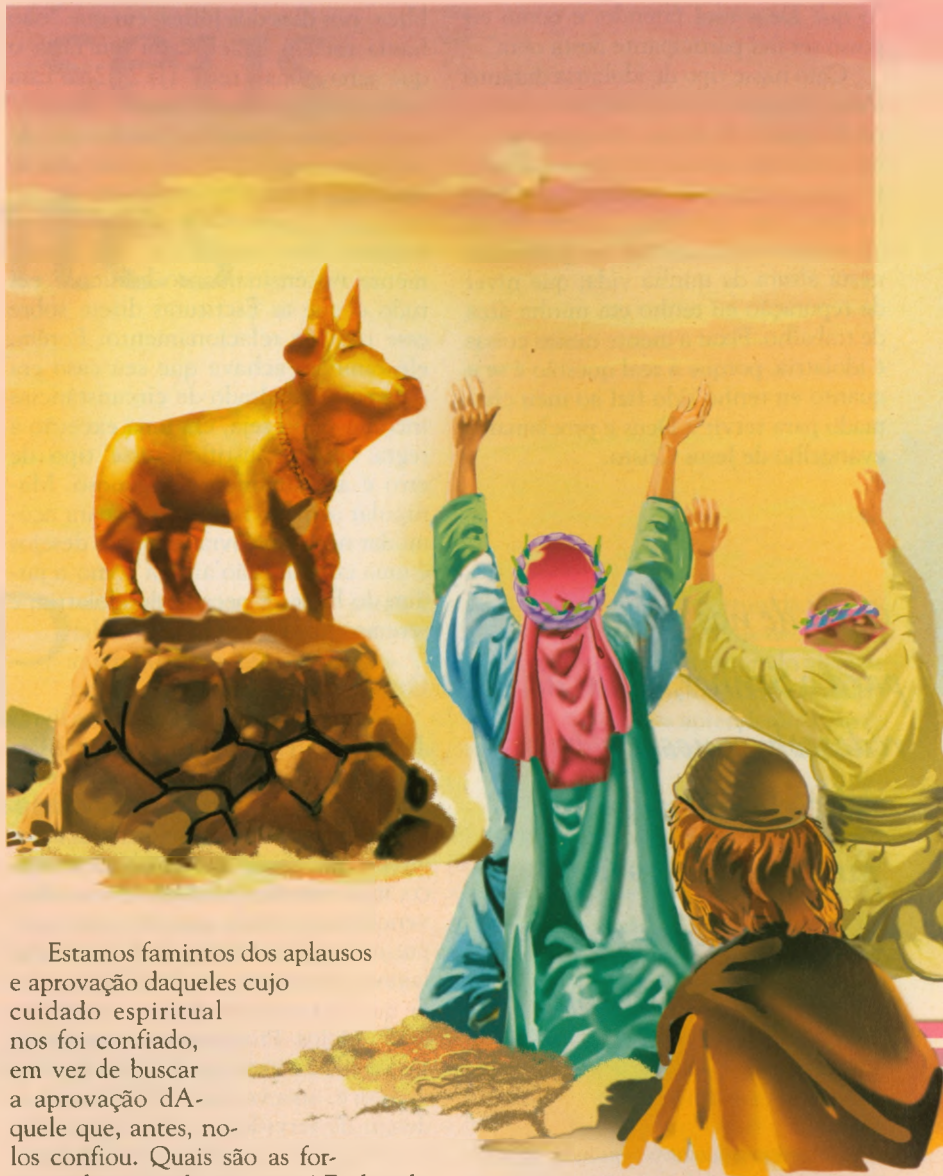
povo, que trouxeste sobre ele tamanho pecado?” (Êx 32:21). A resposta de Arão foi tão má quanto seu feito. Ele culpou a congregação: “Não se acenda a ira do meu senhor; tu sabes que o povo é propenso para o mal. ... Eu lhes disse: quem tem ouro, tire-o. Deram-no; e eu o lancei no fogo, e saiu este bezerro” (Êx 32:22-24). Sua tentativa de se justificar é incrível.

## Nossos ídolos

Quão frequentemente nós transformamos as pessoas de nossas congregações e comunidades em bodes expiatórios, em vez de assumirmos as falhas de nossa liderança? Quantas vezes temos trocado o manto de profeta por um cobertor de segurança pessoal e proteção da nossa imagem? Estou convencida de que nós também somos tentados a lembrar seletivamente certas reivindicações de Deus em relação à nossa vida e ao nosso ministério. Nós também minimizamos ou simplesmente negamos nossa cumplicidade com as manifestações de idolatria de nossa cultura.

Paul K. Moser, diretor do Departamento de Filosofia da Universidade Loyola, resumiu a idolatria como a tendência universal de valorizar alguma coisa ou alguém, de tal modo que obstrui a expressão de amor e confiança devidos a Deus. É um ato de roubo, através do qual usamos alguma parte da criação de tal forma que usurpamos a honra que Lhe pertence. Posicionamos com Arão, observando o povo ao redor de nós lançando mão de coisas terrestres que furta de Deus a honra que Lhe é devida. Igualmente, assumimos a postura de Arão, na prática de ver a idolatria em todo lugar e toda pessoa, menos em nós mesmos. Fazemos isso de muitas maneiras:

*Cometemos idolatria quando temos o olho no louvor humano, em lugar de fazer a vontade de Deus.* Paulo advertiu: “não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6). Muitas vezes racionalizamos sobre nossa minimização desse princípio, quando argumentamos em termos de “satisfazer as necessidades do povo onde ele está”, e nos lembramos que atraímos mais moscas com mel que com vinagre. Porém, a verdade é que não vemos que o que parece mel é ofensa a Deus e é veneno mortal, para nós e aqueles aos quais oferecemos.



Estamos famintos dos aplausos e aprovação daqueles cujo cuidado espiritual nos foi confiado, em vez de buscar a aprovação daquele que, antes, nos confiou. Quais são as formas pelas quais fazemos isso? Fechando nossos olhos a questões, na congregação e na comunidade, cujo trato correto poderia nos fazer parecer antiquados e retrógrados. Deletando qualquer referência a Jesus Cristo, quando fazemos contatos, ou até orações, fora dos limites da igreja. Falhando em dizer uma palavra de advertência e tomar posição profética, temendo o que as pessoas irão pensar a nosso respeito. Evitando tomar decisões difíceis em nosso discipulado.

*Cometemos idolatria quando avaliamos nosso trabalho e o de nossos colegas em termos de sucesso, em lugar de fidelidade.* Segundo esse padrão, o clímax da vida e do ministério de Jesus foi o domingo antes da crucificação. O evangelho de João contém estas marcantes palavras dos fariseus: “Eis aí vai o mundo após Ele” (Jo 12:19). Isso é sucesso!

Alguns anos atrás, fui membro de uma igreja que experimentou a perda de alguns membros em determinado período. Tivemos batismos, mas alguns irmãos idosos faleceram, outros se mudaram e poucos foram recebidos por transferência. O fato é que, no fim do ano, a média de crescimento estava abaixo do esperado. E o pastor sentenciou: “Este foi o ano mais pobre do meu ministério.” Ele era um cristão altamente piedoso e profundamente comprometido, trabalhava arduamente e apoiava os irmãos em todos os ministérios locais, mas estava se julgando em termos de sucesso, não de fidelidade. Isto é idolatria: olhar o plano terrestre, em lugar do Mestre, como padrão. O ponto de referência daquele pastor era “meu ministério”, quando deveria ser



“o que Deus está fazendo, e como eu posso ser fiel participante desta obra”.

Caio nesse tipo de idolatria durante todo o tempo. Embora eu não trabalhe como pastor de igreja, sou propensa a me comparar com os colegas e calcular se estou recebendo suficientes convites para fazer palestras, quantos livros ou artigos eu já deveria ter publicado nesta altura da minha vida, que nível de reputação eu tenho em minha área de trabalho. Fixar a mente nessas coisas é idolatria, porque a real questão é se e quanto eu tenho sido fiel ao meu chamado para servir a Deus e proclamar o evangelho de Jesus Cristo.

*O ato de nos voltarmos para o Senhor, a fim de redescobriremos a glória do Seu amor por nós, fará com que os ídolos deste mundo se nos afigurem irrelevantes*

Cometemos idolatria, quando assumimos que nossas palavras são as palavras de Deus e nossos caminhos são os Seus caminhos. Possivelmente esse seja o pior tipo de idolatria, porque é o mais prejudicial. Em determinada igreja, o pastor fez todo tipo de coisas incômodas e, algumas vezes, alarmantes. Difamava os membros dos quais ele queria se livrar, apresentava relatórios incompletos ou falsificados, trocava o senso de servir a Deus pela busca de reconhecimento pessoal. Quando era questionado a respeito de qualquer uma dessas coisas, ele citava um verso bíblico, distorcido, ou alterava a voz com o interlocutor, desqualificando-o e dizendo que, como pastor, ele tinha direito e autoridade para fazer o que desejasse.

O ídolo desse pastor era ele mesmo. Sua mentalidade pós-moderna remonta a uma época na história bí-

blica, nos dias dos juízes, em que “não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (Jz 21:25). Essa forma de idolatria também se manifesta de outras maneiras. Lembro-me de ter lido a respeito de um pastor que se envolveu num relacionamento extra-conjugal. Quando foi questionado, o homem disse que ainda cria firmemente no ensinamento bíblico e em tudo o que as Escrituras dizem sobre esse tipo de relacionamento. Porém, ele também achava que seu caso era especial e resultado de circunstâncias incomuns, ou seja, era uma exceção à regra. Tentar justificar esse tipo de erro é absolutamente enganoso. Manipular as palavras de Deus para acomodar nossas palavras e nossos desejos é uma conduta tão antiga como o jardim do Éden. É pecado de idolatria, e seremos julgados por ele.

### O que fazer

De que maneira podemos nos livrar da idolatria e suas conseqüências? Podemos nos dedicar a um profundo exame de consciência, reconhecer a idolatria em muitas das nossas atitudes e nos arrepender. Esse é um excelente começo, mas a simples resolução de nos desvencilharmos desse pecado nem sempre nos manterá longe dele. Uma das famosas afirmações de João Calvino é a de que o coração humano é uma fábrica de ídolos. Produzimos novos ídolos tão rapidamente quanto descartamos os velhos; e, uma vez que os fabricamos, o desejo de servi-los e cultuá-los é quase irresistível. Lembra-se de Naamã, o leproso? Depois de confessar: “agora, reconheço que em toda a terra não há Deus, senão em Israel” (2Rs 5:15), na próxima respiração, ele pediu dispensa para continuar prostrando-se diante de Rimom (2Rs 5:18).

A natureza humana odeia o vazio, de modo que a única forma efetiva de preencher o lugar da idolatria em nossa vida é substituí-la por algo mais valioso. O grande pregador escocês Thomas Chalmers (1780-1847) escreveu a respeito do poder expulsivo de uma nova afeição. Ele explicou que a maneira de desligar o coração do amor por um grande objeto (que pode ser um ídolo) é fixar o coração no amor positivo a outro objeto, reconhecendo-o como mais excelente e superior. De fato, como pregadores, devemos falar mais sobre a redescoberta do nosso “primeiro amor” (Ap

2:4), infinitamente superior às novas afeições adquiridas da vida moderna.

Desse modo, o ato de nos voltarmos para nosso Senhor, não apenas pedindo forças a fim de podermos resistir à idolatria, mas também orando para redescobriremos a glória do amor de Cristo por nós e do nosso amor por Ele, fará com que os ídolos do mundo se nos afigurem irrelevantes. Quando seu coração vai ao santuário de Deus, quando você se permite atrair cada vez mais pelo amor de Jesus, então pode dizer como o salmista: “Quem mais tenho eu no Céu? Não há outro em quem eu me compraza na Terra” (Sl 73:25).

Tem-se tornado comum, em anos recentes, casais repetirem seus votos conjugais por ocasião dos aniversários de casamento. Isso não torna o casamento mais válido que antes, mas há poder na afirmação do amor e compromisso mútuo, exclusivo, de aceitação e pertinência que um homem e uma mulher fizeram diante de Deus e de testemunhas terrestres, anos antes. Pregadores, há poder em dizer: “Senhor, eu O amo, e agradeço pela reivindicação que o Senhor faz da minha vida. Permita que eu experimente Seu grande amor, sempre mais, enquanto eu renovo meu compromisso de colocar tudo o que sou e tenho para Sua glória.”

Quando você relembrar seu primeiro amor, quando redescobrir o incomparável valor da graça do Senhor Jesus Cristo, as coisas acontecerão. Os ventos do Espírito soprarão para longe os velhos ídolos, extinguindo seu brilho e fascinação; o Espírito Santo também encherá nosso ser com a presença de Deus.

É-nos dito que Michelangelo costumava carregar uma vela acesa em seu boné, enquanto trabalhava, para impedir que sua própria sombra se refletisse na tela que estava pintando. Da mesma forma, quando conservamos a luz diante de nós, as tarefas para as quais Deus nos chamou para executar serão mais gloriosas, mais verdadeiras em relação aos propósitos de nosso Senhor. Com isso, aqueles diante dos quais testemunhamos reconhecem o toque das mãos do Mestre. Nenhum ídolo possibilita experiência tão ditosa. E nosso ministério será uma oferta aceitável a Deus.

Idolatria? É a mesma coisa em todos os tempos e para todas as pessoas. Mas, ela pode ser vencida através do poder de Jesus Cristo operando em nós. Graças a Deus. ❀



# Ouçã seus ouvintes



Derek J. Morris

Pastor adventista em  
Apopka, Flórida, Estados  
Unidos

*Prestar atenção  
às respostas  
enviadas por  
sua audiência,  
habilita o  
pregador a  
comunicar da  
melhor maneira  
a Palavra da  
vida*

**P**ara muitos pregadores, a pregação é simplesmente uma oportunidade para falar. Eles falham ao não reconhecer que os pregadores efetivos necessitam ouvir atentamente os ouvintes. Pode ser que Deus esteja lhe dizendo alguma coisa, através daqueles que ouvem o sermão. Todo ouvinte fornece valiosas respostas durante o sermão, e pregadores inteligentes aprenderão a ouvir atentamente essas respostas, a fim de se conectarem mais efetivamente à congregação.

## Resposta verbal

Em alguns cenários culturais, a resposta verbal espontânea dos ouvintes, durante o sermão, não é apenas aceita, mas encorajada. Por exemplo, o componente principal da pregação afro-americana pode ser descrito como o processo de “chamado e resposta”, ou “chamado e retorno”. Esse processo requer resposta verbal de uma congregação participativa. Henry Mitchell sugere que “se a tradição da pregação negra é única, então essa unicidade depende em parte da unicidade da congregação negra que fala ao pregador como parte natural do culto”.<sup>1</sup>

Essa resposta verbal se torna uma poderosa dinâmica. Acrescida ao tradicional “amém”, ela inclui expressões tais como “Senhor, ajude-nos!”, “esclareça este ponto!”, “Sim, está correto!”, entre outras. Com essas respostas verbais, que são mais que mero reconhecimento superficial ao pregador, os ouvintes realmente pregam de volta para ele. Mitchell nota que “muitos pregadores de qualquer cultura deveriam alegremente receber tais estímulos e até apoiá-los”.<sup>2</sup>

De fato, quando estou pregando, sou estimulado pela resposta verbal refletida. Em certa ocasião, enquanto eu pregava em uma grande igreja, uma parte da congregação se mostrava particularmente mais responsiva. Senti-me tão ligado a esse pequeno grupo de adoradores que era preciso ter cuidado para não ignorar o restante dos ouvintes.

Às vezes, o pregador até pode fazer uma variedade de apelos para conseguir resposta verbal. Por exemplo, ele pode sugerir: “Alguém quer dar um testemunho?”, ou: “posso ouvir ‘amém’?” Quando ocorre comunicação verbal entre o pregador e os ouvintes, as duas partes devem ficar mutuamente atentas. Essa resposta pode ajudar o pregador a conectar-se mais efetivamente a seus ouvintes.

O pregador também pode encorajar a resposta verbal construindo um diálogo dentro do próprio sermão. Um modo de fazer isso é preparar a mensagem como uma conversa entre duas ou mais pessoas diante da congregação. Os participantes podem ser o pregador, especialistas no tema abordado e representantes da congregação.

Experimentei essa forma interativa certa vez em que preguei sobre relacionamento familiar saudável. Três adolescentes, um casal e um conselheiro familiar se juntaram a mim, na plataforma, para uma discussão ao vivo. O impacto desse sermão foi profundo. A congregação se ligou totalmente e foi envolvida de tal forma que não seria possível com um monólogo.

Alguns pregadores têm buscado aumentar a resposta verbal dos ouvintes, adicionando tempo para discussão no fim da mensagem. Os ouvintes podem ser divididos em



pequenos grupos com líderes indicados antecipadamente, e cada grupo discute questões levantadas durante o sermão. Em seguida, a congregação se reúne novamente para ouvir os relatórios dos grupos e terminar o culto. Outra opção pode ser dar oportunidade para algum ouvinte que deseje esclarecer alguma dúvida. O pregador deve reconhecer o problema, esclarecê-lo e, então, continuar a pregação.

O modo mais interativo de pregação deve envolver discussão livre entre o pregador e os ouvintes, a respeito do significado e das implicações de uma passagem da Escritura ou tema bíblico. Os ouvintes poderiam ser encorajados a estudar um texto durante a semana e, no culto do fim de semana, apresentar perguntas relacionadas ao texto. Evidentemente, devem ser estabelecidos critérios para a discussão, como, por exemplo, número de perguntas por indivíduos, limitação do diálogo ao tema estudado, entre outros; tudo com o objetivo de preservar a ordem e a espiritualidade do ambiente. Essa forma de pregação interativa não apenas encoraja o estudo pessoal das Escrituras, mas também envolve os ouvintes no próprio sermão.

## Resposta não-verbal

Junto com a sugestão de procurar ouvir as respostas verbais de seus ouvintes, os pregadores necessitam ouvir também as respostas não-verbais. Mesmo na forma convencional de pregar, em que apenas uma pessoa fala, os ouvintes inevitavelmente comunicarão respostas não-verbais. Esse tipo de resposta inclui expressões faciais, gestos com mãos e braços, postura corporal, posição e vários movimentos de corpo, pernas e pés.

A resposta não-verbal fornecida pelos ouvintes geralmente é mais confiável que a verbal. Uma pesquisa feita por Albert Mehrabian concluiu que 55% da comunicação abrange expressão facial e linguagem corporal; 38% incluem o tom da voz, e, apenas 7%, as palavras.<sup>3</sup> No caso de as respostas resultarem inconsistentes, isto é, se tanto as respostas verbais como as não-verbais não forem congruentes, Mehrabian afirma: “o comportamento não-verbal de uma pessoa tem maior peso que suas palavras, em se tratando de comunicação de sentimentos ou atitudes em relação a outra pessoa”.<sup>4</sup> O comunicador efetivo estará atento às respostas não-

verbais e aprenderá como decodificar essas mensagens silenciosas.

Muito da resposta não-verbal provavelmente será involuntária e inconsciente. Talvez, o indicador não-verbal mais notável da falta de envolvimento do ouvinte é ele cochilar durante o sermão. Alguns jovens abaixam a cabeça quase até os joelhos. Outros indicadores não-verbais típicos incluem movimento de pernas e pés, arrumação da roupa, manipulação de um chaveiro e ajustes posturais.

*“A linguagem corporal dos ouvintes nos fala se estamos sendo ouvidos e compreendidos”*

Já entre os sinais de envolvimento crescente estão a diminuição da distância, orientação corporal mais direta, maior expressão facial, postura corporal mais descontraída e atenta, bem como sinais de assentimento com a cabeça. Todo pregador se alegra quando vê os ouvintes sorrindo e balançando a cabeça.

O contato visual, ou a falta dele, também pode ser um indicador. Como regra geral, o aumento do contato visual entre você e seus ouvintes ocorre como indicador positivo de que você está efetivamente ligado a eles. Lembro-me de um jovem, numa igreja que pastoreei, que sempre se sentava nos primeiros bancos. Era evidente em suas respostas verbais e não-verbais que ele estava buscando fervorosamente um relacionamento íntimo com Deus. Enquanto ouvia o sermão, ele se dividia entre acompanhar atentamente a leitura da Bíblia e olhar o pregador. Seu contato visual dizia ao pregador que ambos estavam ligados. Hoje, ele também é pregador.

Entretanto, o contato visual não pode ser interpretado independentemente de outros avisos faciais. Por exemplo, se o ouvinte olha para você com olhos bem abertos, testa sulcada e um sorriso, isso aparentemente indica

um sentimento positivo ou, talvez, um convite à interação. Se o ouvinte olha com expressão séria, mais provavelmente está sinalizando uma resposta negativa. Os sinais faciais são o canal pelo qual as mensagens emocionais verbais ou não-verbais são mais clara e frequentemente enviadas. Calvin Miller observa que “a linguagem corporal nos fala não apenas se estamos sendo ouvidos, mas se estamos sendo compreendidos”.<sup>5</sup>

A resposta não-verbal pode variar, dependendo da cultura, embora também existam muitas semelhanças de movimentos expressivos entre todas as culturas, como sorrir e chorar. Piscar olhos e levantar sobrancelhas são sinais considerados indecentes entre alguns povos. Esteja atento ao seu contexto cultural, a fim de interpretar corretamente as dicas não-verbais de seus ouvintes.

## Comunicação efetiva

Nem sempre seus ouvintes enviarão sinais verbais enquanto você prega, mas enviarão mensagens silenciosas – expressões faciais e linguagem corporal. Aprenda a ler essas mensagens silenciosas ou faladas, de modo que possa estar ligado efetivamente com eles. Os dois tipos de resposta podem levá-lo a mudar a rota do sermão, reafirmar um ponto importante, ou acrescentar alguma frase para melhor esclarecimento. O alvo é simples: Comunicar da melhor maneira a mensagem que deseja entregar à congregação.

Talvez você se pergunte: Como posso ficar atento a essas respostas e, ao mesmo tempo, acompanhar o esboço do sermão? É aqui que libertar-se dos seus manuscritos se torna ponto essencial para qualquer pregador que deseje ficar atento às respostas dos ouvintes.

Uma vez que você compreenda que a pregação envolve mais diálogo que monólogo, jamais ignorará a importância das respostas verbais e não-verbais. É assim que se tornará melhor pregador e será mais hábil para comunicar a Palavra da vida. ❧

### Referências:

<sup>1</sup> Henry H. Mitchell, *Black Preaching: The Recovery of Powerful Art* (Nashville, TN: Abingdom Press, 1990), p. 100.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> Albert Mehrabian, *Silent Messages* (Belmont, CA: Wadsworth Publishing Company, 1971), p. 43.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>5</sup> Calvin Miller, *The Empowered Communicator: Seven Keys to Unlocking an Audience* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), p. 184.



# Vencedores com Cristo



Divulgação

Ángel M. Rodríguez

Diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

*No preparo para o confronto final, é importante que compreendamos e nos apropriemos da vitória de Jesus sobre o poder das trevas*

**P**ossivelmente, o estudo da morte vicária de Cristo na cruz seja a tarefa mais enriquecedora e desafiante na teologia cristã. A história do pensamento cristão indica que a profundidade teológica desse evento histórico tem estimulado uma constante exploração de seu conteúdo. Muitas teorias sobre a expiação têm sido formuladas na tentativa de revelar o significado da morte de Cristo; porém, nenhuma delas tem-se demonstrado capaz de integrar a plenitude da grandeza desse assunto. A maioria delas enfatiza o modo como tudo o que aconteceu na cruz contribui para a salvação de pecadores, mas diz muito pouco a respeito do significado cósmico dos acontecimentos do Calvário.

Entretanto, a teologia cristã jamais deveria ignorar ou passar por alto a realidade de que, sobre a cruz, Cristo venceu, de uma vez por todas, os poderes cósmicos do mal.

## Cristo Vencedor

Já no início do conflito cósmico, Deus franqueou tempo e espaço para a expressão do intento das criaturas que, fazendo mau uso da liberdade que lhes fora outorgada, enveredaram pelos caminhos da corrupção. Essa anomalia de pecado e mal foi permitida no cosmos, a fim de que os poderes malignos pudessem revelar sua verdadeira natureza e os resultados de suas escolhas, além de preservar a liberdade dos filhos de Deus e a integridade do Seu reino. O decisivo confronto nesse conflito teve lugar em um planeta que se alinhou com as forças rebeldes. A missão de resgate desse planeta tornou-se, ao mesmo tempo, a libertação do cosmos da presença e influência de tais poderes.

**Durante Seu ministério.** A vitória de Cristo sobre os poderes cósmicos foi desenvolvida ao longo de duas confrontações relacionadas entre si. A primeira foi através de Seu ministério terrestre. Cristo Se tornou objeto de constantes ataques inimigos, porém jamais permitiu que fosse desfeito o profundo laço de unidade existente entre Ele e o Pai. Venceu toda tentação e, permanecendo leal ao Pai, triunfou, em Sua própria vida, sobre os poderes do mal (Mt 4:1-11). Por natureza e por escolha pessoal, Ele foi absolutamente sem pecado (Hb 4:15; 1Jo 3:5). Durante Seu ministério na Terra, também libertou aqueles que foram possuídos por Satanás (Mt 17:14-18; Mc 1:23-26; 5:1-13).

As narrativas de possessão demoníaca nos evangelhos testificam o fato de que o reino de Satanás foi abalado em seus fundamentos, por Cristo, e chegou perto do colapso total diante da poderosa presença do Filho de Deus.

**Através da cruz e da ressurreição.** A segunda confrontação foi a vitória final e absoluta de Cristo sobre os poderes malignos, conquistada na cruz. Ele fez isso em favor dos seres humanos pecadores que estavam escravizados pelo poder das trevas. Jesus enfrentou o domínio desses poderes e, nesse processo, Deus “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Cl 1:13, 14). Cristo invadiu o reino do caos e experimentou tudo o que os seres humanos deviam experimentar, a fim de libertá-los do poder satânico (At 26:18). Quão capaz foi Ele para efetuar essa libertação? Ele combateu “e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao





desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2:15). Sim, Cristo venceu os poderes cósmicos do mal!

A expressão “principados e potestades” e outras semelhantes designam, primariamente, os poderes criados por Deus através de Cristo (Cl 1:15, 16) que inexplicavelmente se tornaram hostis ao próprio Deus, isto é, Satanás e seus anjos (Ap 12:7, 8). A linguagem usada pelo apóstolo Paulo em Colossenses 2:15 parece referir-se à celebração de uma vitória militar romana. Em tais ocasiões, era realizada uma procissão triunfal, durante a qual os inimigos vencidos eram publicamente exibidos antes de serem executados. Essa imagem foi usada por Paulo para descrever a vitória total, absoluta e completa de Cristo sobre os poderes demoníacos. Ele veio para destruir as obras do demônio (1Jo 3:8) e, através de Sua morte, subjugou a força do inimigo lançando-o no poço da derrota e da humilhação (Jô 12:31).

Através de Sua morte, Cristo selou o destino final dos poderes malignos e, na ressurreição, proclamou triunfantemente Sua vitória. Agora, podemos olhar antecipadamente para o fim, quando Ele destruirá para sempre “todo principado, bem como toda potestade e poder” (1Co 15:24). A vitória de Cristo assegura aos crentes que eles já não estão sob o domínio do mal e, portanto, não precisam viver e agir como se fossem súditos de seu reino. Ele ainda não aniquilou para sempre os demônios, mas quebrou seu poder sobre a raça humana, partilhando Seu triunfo com qualquer pessoa que O aceite como Salvador e Senhor.

### **Participando da vitória**

Como ainda não estão totalmente despidas de seu poder, as hostes demoníacas encontram-se ativas no mundo, atormentando os seres humanos e buscando recuperar o reinado na vida de todos os que já encontraram a liberdade em Cristo Jesus (Rm 6:12). O mundo, de certa forma, ainda se acha sob o poder do mal (1Jo 5:19), Satanás é apresentado como deus desse mundo (2Co 4:4) e os seres humanos em rebelião contra Deus ainda estão fazendo a vontade dele (2Tm 2:26). Porém, aqueles que se uniram a Cristo, pela fé, não se encontram sob controle de nenhum demônio. É certo que continuarão a ser tentados, oprimidos através de sofrimento, e até mesmo serão atingidos



por armas naturais e sobrenaturais, mas pertencem a Cristo.

Algumas vezes, Deus permite que fatos e situações desagradáveis os atinjam, mas os fortalecerá, para que permaneçam comprometidos com Ele (2Co 12:7-9). Talvez por isso mesmo, Jesus ensinou Seus seguidores a orar suplicando proteção: “Mas livra-nos do mal” (Mt 6:13). A verdade fundamental é que o poder maligno que antes dominava a vida de Seus filhos foi substituído pelo dominante poder de Cristo, que, por Seu Espírito, habilita todo crente a se apropriar de Sua vitória. Em lugar de se acharem, agora, sob o poder dos espíritos maus, estão sob a guia e proteção do Espírito de Deus (Rm 8:14-17).

**Libertos dos fardos antigos.** A lembrança do passado é freqüentemente caracterizada por sentimentos de culpa que tendem a diminuir a auto-estima de uma pessoa e que a oprimem tremendamente. As imperfeições humanas são usadas pelos demônios com o objetivo de motivar as pessoas a buscarem paz através da submissão a eles, na forma de autojustificação ou, simplesmente, afastando-se do Senhor. Os seres humanos têm sido escravos de seus próprios modelos que têm como alvo conquistar aceitação diante de Deus.

O conceito hindu e budista de *karma*, por exemplo, aprisiona homens e mulheres em um círculo que dificilmente pode ser quebrado. De acordo com esse sistema de crença, a reencarnação – como ciclo de nascimento, sofrimento e morte – é o processo pelo qual a perfeição humana é alcançada, assegurando a entrada no nirvana (estado imutável). A lembrança do passado persegue os seres humanos, enquanto eles, em seu estado de culpa, buscam desesperadamente administrar o assunto, sentindo-se impotentes ao mesmo tempo. A vitória de Cristo sobre o poder maligno liberta desse fardo as pessoas, oferecendo-lhes companhia com Deus, com base em Sua obra de redenção, em vez do passado pecaminoso do homem. Assim, o grilhão com que o demônio prende os seres humanos, por conta desse pesado fardo, é partido através do perdão gracioso de Deus.

## Libertos do temor e da insignificância

A vitória de Cristo sobre o poder das trevas manifesta-se na vida dos crentes, em forma de liberdade do te-

mor e do estilo de vida insignificante. Cristo venceu aquele que tinha o poder da morte, Satanás, a fim de livrar “todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2:15). A busca por libertar-se do temor e de uma existência desprovida de sentido tem levado muitos indivíduos a adotar um estilo de vida pecaminoso e, conseqüentemente, à servidão aos poderes malignos.

Esses poderes manifestam sua influência e seu controle sobre os seres humanos através de inadequado comportamento moral e ético. Todos aqueles que colocam a vida a serviço do pecado e da rebelião, rejeitando o amável senhorio de Cristo, vivem em condescendente submissão aos poderes vencidos por Cristo Jesus. Já os que escolhem participar da Sua vitória têm superado o temor, porque, sendo justificados pela fé em Jesus, têm paz com Deus (Rm 5:1) e encontram sua maior alegria em uma vida de serviço altruísta e amoroso, ao Salvador e aos semelhantes.

**Libertos do espiritualismo.** A presença do Espírito de Deus na vida dos seguidores de Cristo torna absolutamente desnecessária a busca de conselhos espiritualistas promovida pelo movimento Nova Era, busca de orientação através de modernas ou antigas práticas de adivinhação, ou a proteção dos espíritos de ancestrais falecidos. A Bíblia descreve tais espíritos, não como agindo em busca do nosso bem, não como espíritos de familiares ou amigos mortos, mas como espíritos demoníacos empenhados em oprimir, enganar e destruir (Ap 16:13). A realidade desses espíritos freqüentemente é negada no mundo ocidental, o que não os torna menos perigosos.

O espiritismo está se espalhando rapidamente pelo mundo, encontrando no secularismo um terreno fértil para suas pretensões. A influência dos poderes que o impulsionam continuará a crescer à medida que nos aproximamos da consumação da vitória de Cristo sobre eles. Porém, os crentes podem viver alegremente a vida cristã, repousando na segurança do amor de Deus em todas as circunstâncias.

**Libertos da possessão demoníaca.** A vitória de Cristo sobre os principais e potestades do mal habilita Seus seguidores a expulsar demônios em Seu nome, no contexto da proclamação do evangelho. A primeira tarefa da igreja é cumprir a comissão evangélica, não

expulsar demônios. Se o cumprimento dessa missão sofre interferência de manifestações espiritualistas, então os crentes são chamados a confrontá-las em nome de Jesus. Em outras palavras, Cristo tem partilhado com os discípulos de ontem e de hoje Seu poder e a vitória conquistada sobre os poderes das trevas, a fim de serem usados no contexto da pregação: “E disse-Lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em Meu nome, expulsarão demônios” (Mc 16:15-17).

No Novo Testamento, ninguém foi chamado para algum “ministério de libertação”, mas todos foram chamados para o ministério do evangelho. Essa mensagem de salvação ilumina a consciência em trevas e, através o poder do Espírito, habilita a pessoa para uma vida moral elevada e livre dos absurdos de mitos, fábulas e superstições.

## Crescimento em Cristo

A vitória de Cristo não pode ser discutida isoladamente dos significados e implicações para a vida diária de todos quantos colocam sua confiança nEle. A gloriosa liberdade encontrada em Jesus é, fundamentalmente, liberdade para sermos o que Ele planejou que sejamos, isto é, refletores de Sua imagem. Os seres humanos são servos da injustiça ou da justiça de Deus (Rm 6:13). Ninguém pode ser espiritualmente neutro. Certa vez, Jesus criou uma ilustração de alguém que foi libertado do demônio, mas não usou essa nova liberdade para cumprir objetivos divinos. O espírito mau retornou, encontrou o coração disponível e escravizou a pessoa, pior do que fizera anteriormente (Lc 11:24-26).

Não existe vazio espiritual. Ou a pessoa está sob a influência de maus espíritos ou sob o poder do Espírito de Deus. Os participantes da vitória de Cristo estão cheios do Espírito Santo e são chamados à comunhão diária com Deus, que resultará em constante crescimento à semelhança com Jesus.

**O papel das Escrituras e da oração.** A vida do crente não consiste, absolutamente, de tentar aprender a arte de autojustificar-se ou como subjugar os poderes maus. Ela consiste em preencher todo o interior, o coração, com os pensamentos de Deus. Esse tipo de comunhão não é definido em termos de



meditação transcendental para fundir a pessoa com as forças cósmicas impessoais. Essa comunhão não é conquistada através de rituais que buscam criar um transe emocional que supostamente conduz o indivíduo em sintonia com o divino. Tais práticas são, na verdade, um retorno à servidão aos poderes maus. Na vida cristã, a comunhão é feita através do estudo das Escrituras Sagradas e da prática da oração.

Deus fala aos homens através das Escrituras e, conseqüentemente, não é necessário que tentemos movê-Lo a falar através de atos misteriosos ou mágicos. Ele está além da manipulação humana, porque voluntariamente escolheu falar por intermédio de Seu Filho, conforme revelado em Sua Palavra. As Escrituras, como um dos canais de comunicação de Deus, tornam-se o caminho através do qual podemos conhecer Sua vontade e Seu plano em relação a nós. A Palavra de Deus, por meio do Espírito, guia os crentes durante sua peregrinação através de um mundo de pecado e morte. A oração testifica o fato de que o que Deus fez por meio de Cristo foi suficiente para abrir um caminho permanente na direção do Pai, com quem podemos nos comunicar. Não há necessidade de convocar espíritos intermediários para nos assistir em nosso acesso a Deus.

**O papel da meditação.** A meditação bíblica não é um escape da realidade da vida em um mundo imaterial e místico. Esse tipo de escapismo é oferecido aos indivíduos pelos poderes derrotados por Cristo. Nas Escrituras, a meditação não é totalmente silenciosa, mas costuma ser acompanhada de murmúrios de pensamentos, em reflexão. Duas palavras hebraicas são traduzidas ocasionalmente como *meditar*. A primeira é “*h g h*”, que significa “refletir”, “pensar”, “meditar”, enfatizando o suave murmúrio de pensamentos. A segunda palavra é “*iah*”, cujo significado é “ponderar”, “refletir”, “falar”. Quando usada como “meditação”, enfatiza a reflexão, atividade mental. A meditação bíblica tinha um conteúdo objetivo sobre o qual a mente se demorava e refletia.

O salmista descreveu a pessoa bem-aventurada como a que “medita dia e noite” na lei ou nas instruções de Deus (Sl 1:2). Há renovação espiritual e crescimento, quando a mente humana, assentada na racionalidade e na vontade, demora-se na amorosa vontade de Deus

por todos os homens. O salmista também meditava nas promessas de Deus e encontrava alegria em antecipá-las (Sl 119:148). Outro objeto de meditação eram os atos salvíficos de Deus em favor de Seu povo (Sl 77:12). Mesmo quando os participantes da vitória de Cristo sobre o mal confrontam sérias dificuldades, o chamado é para que meditem nas formas pelas quais Ele livrou Seu povo de situações similares no passado. Isso torna desnecessário buscar assistência de poderes que supostamente suplementem a capacidade salvadora de Cristo.

Através da meditação, o povo de Deus mantém comunhão com o Todopoderoso, de quem recebe força para enfrentar os ataques mais sérios que os poderes demoníacos o venham ameaçar, ao mesmo tempo em que buscam recuperar o domínio sobre ele.

**O papel da adoração individual e corporativa.** A fé bíblica é também uma fé corporativa que encontra expressão na adoração coletiva ao Senhor. Os crentes pertencem à família daqueles que foram libertos por meio da morte vicária de Jesus. Eles alegremente O louvam individualmente e coletivamente (Mc 1:12; Lc 18:43). Têm um novo centro de vida e humildemente se aproximam do Senhor em gratidão, com cânticos e súplicas. De fato, somente os vivos podem louvar a Deus (Sl 150:6), e isso se aplica de forma particular àqueles que, através de Cristo, agora são espiritualmente vivos. Cantar louvores ao Senhor fortalece a vida cristã e expulsa o temor do coração.

O salmista escreveu: “Louvai ao Senhor, porque é bom e amável cantar louvores ao nosso Deus” (Sl 147:1). Ele deve ser louvado porque simplesmente não existe outro semelhante a Ele: “Louvem o nome do Senhor, porque só o Seu nome é excelso; a Sua majestade é acima da Terra e do céu. Ele exalta o poder do Seu povo, o louvor de todos os Seus santos, dos filhos de Israel, povo que Lhe é chegado” (Sal 148:13, 14). Cristo obteve por nós a liberdade para louvar a Deus. A menção ao “poder do Seu povo”, aqui nesse texto, sugere que, ao louvar a Deus, os crentes são espiritualmente fortalecidos.


**O papel do serviço cristão.** Todos os que foram libertos do domínio do mal, por meio de Cristo, são servos de Deus. A vida cristã não é vivida em isolamento de outros, mas na interação dinâmica com a comunidade na

qual estão inseridos. Eles assumem o compromisso pessoal de levar Cristo às ruas, aos supermercados, às escolas, aos escritórios, a todo lugar aonde vão e a toda situação que enfrentam. O potencial para o crescimento espiritual não está limitado à privacidade do lar ou às reuniões da igreja. A constante expressão de valores da vida cristã em uma multiplicidade de cenários resultará, por meio da guia do Espírito Santo, em um relacionamento cada vez mais crescente com o Senhor.

Cristo não chamou Seus servos para retirar-se do mundo, mas para servi-Lo ativamente, convidando pessoas a aceitarem o mesmo perdão com que Ele os alcançou. A vida anterior, de submissão aos poderes das trevas, caracterizada por inimizade para com Deus e os semelhantes, deve ser substituída, e seu lugar, preenchido com uma existência de amoroso serviço a Deus e ao próximo. A conscientização do fato de que os crentes vivem na constante presença e companhia de Deus motiva seu serviço e nutre sua esperança na erradicação final do pecado e seu autor.

## Guardados em Seu amor

A escatologia adventista antecipa uma irrupção sem paralelo de manifestações espiritualistas à medida que nos aproximamos do desfecho do conflito cósmico. O espiritismo desempenhará papel fundamental na polarização final da raça humana, quando toda pessoa será confrontada com o desafio de escolher a quem, finalmente, devotará lealdade (Ap 16:13, 14). No preparo para esse confronto final, é importante que compreendamos e nos apropriemos da realidade da vitória de Cristo sobre o poder das trevas. Sua vitória é tão absoluta que liberta completamente os crentes da prática de dupla lealdade.

A liberdade por Ele obtida em favor de Seus filhos deve ser utilizada, pelo poder do Espírito, para crescimento na graça e no amor. Desde que na cruz Ele quebrou permanentemente o domínio dos principados e potestades, Seu povo pode ter paz, na certeza de que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:38, 39). 



# Transformados pela glória divina



Ezinaldo Pereira

Capelão do Hospital  
Adventista de Belém, na  
União Norte-Brasileira

*Consciente de  
sua indignidade,  
Isaías foi  
perdoado, aceito  
e capacitado a  
cumprir seu  
ministério  
profético*

O dicionário define a palavra glória como “celebridade, renome, reputação, honra, orgulho, magnificência, brilho, esplendor, prestígio”.<sup>1</sup> Em se tratando da glória divina, o termo é acrescido de outros significados, podendo se referir à presença do Senhor ou aos atributos de Seu caráter. “Especificamente, no que tange a Deus, a Sua glória é Sua espantosa presença, as Suas perfeições, os Seus atributos, a Sua santidade. A glória de Deus é a expressão de Sua santidade”.<sup>2</sup> Isso foi percebido na ocasião em que Deus revelou Sua glória a Moisés e a ênfase recaiu sobre os aspectos que compõem a Sua natureza: bondade, misericórdia, compaixão, clemência, longanimidade, fidelidade, perdão e justiça. (Êx 33:18, 19; 34:5-7).

O que acontece quando o ser humano se prostra diante desta glória? Qual é o efeito da glória de Deus na vida de uma pessoa? Como essa experiência pode modificar nossa visão sobre Deus e o nosso comprometimento com Sua causa? Na experiência do profeta Isaías, encontramos respostas para essas perguntas.

O capítulo seis do livro de Isaías contém uma visão na qual o profeta descreve o seu encontro com a glória de Jeová. Desse capítulo destacaremos três lições: 1) Como Deus revela Sua glória; 2) como devemos nos apresentar diante dessa glória; e 3) o que a glória de Deus pode fazer por nós. No primeiro verso, Isaías relata: “No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de Suas vestes enchiam o templo”.

Uzias reinou 52 ano em Judá e foi um forte líder espiritual (2Cr 26:3-5). Ellen White comenta que seu reinado “foi caracterizado por uma prosperidade maior que a de qualquer outro rei desde a morte de Salomão, cerca de dois séculos antes... Sob as bênçãos do Céu, seus exércitos reconquistaram alguns dos territórios que tinham sido perdidos nos anos anteriores. Cidades foram reconstruídas e fortificadas, e a posição da nação entre os povos vizinhos foi grandemente fortalecida. Reavivou-se o comércio, e as riquezas das nações fluíram para Jerusalém. O nome de Uzias voou ‘até muito longe; porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte’.”<sup>3</sup>

Porém, o relato bíblico descreve o fracasso de Uzias em ter caído na tentação do orgulho (2 Cr 26:16). Ele expressou esse sentimento ao entrar no templo do Senhor para queimar incenso, atividade permitida somente a quem era sacerdote e não rei. A nação se degradava como reflexo da decadência espiritual de Uzias. Havia em Judá imoralidade e orgias como em Sodoma e Gomorra, opressão social, homicídios, roubos; tudo isso encoberto por hipocrisia religiosa (Is 1:10, 11-14, 17, 21 e 23). Também havia ameaças de invasões. “Os tempos em que Isaías devia trabalhar estavam repletos de perigos peculiares para o povo de Deus. O profeta devia testemunhar a invasão de Judá pelos exércitos combinados do norte de Israel e da Síria; devia ele contemplar as tropas assírias acampadas diante das principais cidades do reino”.<sup>4</sup>

Diante disso, Isaías começou a duvidar do seu chamado, sentindo-se incapaz de prosseguir com a missão profética. Pensamentos desanimadores pressionaram sua mente. “Em face de tais condições, não é surpreendente que Isaías recuasse da respon-



sabilidade, quando chamado a levar a Judá as mensagens de advertência e re-provação da parte de Deus, durante o último ano do reinado de Uzias. Ele bem sabia que haveria de encontrar obstinada resistência. Considerando sua própria incapacidade para enfrentar a situação, e tomando em conta a obstinação e incredulidade do povo para quem ia trabalhar, sua tarefa pareceu-lhe inexecutável.<sup>5</sup> Foi então que ele recebeu a visão da glória divina.

## Tudo sob controle

Escreve Isaías "... eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono..." (Is 6:1). A situação do momento era desanimadora, o rei havia morrido, a nação se degradava mais e mais, a invasão de nações inimigas era iminente. Diante desse quadro, Deus Se apresentou assentado em Seu trono como o supremo comandante da situação. Quando problemas ameaçam nossa fé, quando pressões internas e externas fazem com que cheguemos ao limite da nossa resistência, ou percebemos que, aparentemente, o mal vai predominar, é neste momento que Deus revela Sua glória como solução para nossos temores.

Deus transmitiu a Isaías uma visão de encorajamento, mostrando-lhe que Ele tem em Suas mãos o controle de tudo. Por mais que o governo humano falhe ou venha a faltar, existe um Deus que Se assenta no trono do Universo e mantém controle sobre toda a Sua criação. Ele cuida de Seus servos e os sustenta quando estes estão prestes a desanimar. Ele diz: "Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus" (Sl 46:10).

## Diante da glória

O profeta contemplou serafins com seis asas louvando a santidade de Deus. Cada par de asas contém uma aplicação espiritual.

As duas primeiras cobriam o rosto, como representação da reverência com que devemos nos apresentar diante de Deus. "Os anjos velam o rosto em Sua presença. Os querubins e os santos serafins aproximam-se do Seu trono com solene reverência. Quanto mais deveríamos nós, seres finitos e pecadores, apresentar-nos de modo reverente perante o Senhor, nosso Criador!"<sup>6</sup> O verdadeiro adorador é consciente da grandeza de Deus e do respeito que Lhe é devido.

O segundo par de asas cobria os pés como sinal de humildade. A humildade

distingue todo aquele que experimenta um encontro com Deus. Foi assim com Moisés, ao sentir-se incapaz diante da missão que Deus lhe confiara (Êx 3), Gideão, quando comissionado pelo Anjo do Senhor (Jz 6:11-16), e Jeremias, quando Deus o chamou para ser profeta (Jr 1:4-8). "Ao escolher homens e mulheres para o Seu serviço, Deus não indaga se possuem saber, ou eloquência, ou riquezas mundanas. Pergunta: 'Andam eles com tanta humildade, que Eu lhes possa ensinar os Meus caminhos? Posso pôr-lhes nos lábios as Minhas palavras? Não de representar-Me?'"<sup>7</sup>

Essa característica é adquirida pela convivência diária com o Senhor Jesus Cristo, pois Ele é a fonte de aprendizado desta virtude (Mt 11:28, 29). A contemplação diária do amor de Cristo é o antídoto que desfaz o veneno do orgulho. "Orgulho e egoísmo não podem florescer no coração de quem guarda viva na memória as cenas do Calvário."<sup>8</sup>

Com o terceiro par de asas, os anjos voavam. Estas são as asas do serviço. Quando somos transformados pela glória de Deus, nosso desejo é proclamar essa glória àqueles que ainda não a conhecem. A comunhão com Deus nos impulsiona para o Seu trabalho, despertando-nos para a urgência de Sua obra. "Mal está uma pessoa convertida, nasce dentro dela o desejo de tornar conhecido a outros que precioso amigo encontrou em Jesus. A salvadora e santificadora verdade não lhe pode ficar fechada no coração."<sup>9</sup>


Na visão de Isaías, o atributo divino mais enfatizado foi a santidade. Os serafins repetiam o cântico: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos" (v. 3). O senso da santidade de Deus marcou o ministério de Isaías, pois em suas mensagens ele sempre se referia a Deus como o "Santo de Israel", recordando as palavras que ouvira (Is 12:6; 17:7; 29:19; 30:11, 12; 31:1; 47:4; 54:5; 60:9). Deus espera que Seu povo ande no caminho da santidade, pois este atributo é um requisito indispensável para a volta de Cristo (Hb 12:14).

## Resultados

Contrastando a santidade de Deus com a sua pecaminosidade, Isaías temeu pela própria vida. Pensou que seu fim seria o mesmo que o do rei Uzias, pois em visão, ele também estava dentro do templo, lugar restrito apenas aos sacerdotes ungidos. Mas a diferença

entre Uzias e Isaías era que este último se apresentou diante de Deus com atitude humilde e reverente, consciente da sua pobreza espiritual e da sua necessidade de perdão. Uzias entrou no templo com o espírito orgulhoso e resistente aos apelos de Deus dirigidos a ele pelo sacerdote. Deus respondeu a Isaías, purificando-o dos seus pecados através da brasa viva que fora tirada do altar (Is 6:6). A Uzias foi infligida uma disciplina, por ter persistido em seu comportamento arrogante e pecaminoso (2Cr 26:19-21). Um foi aceito por Deus em Seu serviço; e o outro foi rejeitado. Podemos ser aceitos ou rejeitados, conforme nossa atitude diante de Deus: humildade ou arrogância.

Após ter sido purificado, Isaías ouviu o apelo de Deus para se consagrar ao ministério profético (Is 6:7, 8). A resposta do profeta foi imediata e segura: "eis-me aqui, envia-me a mim". No verso 5, o percebemos num tom desanimador e sem esperança, mas agora, há um tom cheio de vida, decidido e animador (v. 8). O que fez a diferença entre estes dois momentos? Certamente, foi o toque da brasa divina em seus lábios. O profeta se sentiu perdoado e renovado. E, em resposta ao que Deus fez em seu favor, ele se dispôs a atender o apelo missionário.

Assim como Isaías, devemos manter nossos olhos fixos na glória de Cristo, enquanto Ele intercede por nós no santuário celestial (Hb 4:14-16; 12:1). A contemplação da glória divina reproduzirá em nós o caráter de Cristo, e assim seremos transformados "de glória em glória" na própria imagem do Senhor (2Co 3:18). Tal experiência pode ser alcançada na comunhão diária com Deus, através da oração e do estudo de Sua Palavra. É assim que assimilaremos mais do Seu caráter e estaremos mais convictos da solenidade do nosso chamado. 

### Referências:

<sup>1</sup> Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2º ed. (São Paulo – SP: Nova Fronteira, 1986), p. 853.

<sup>2</sup> Russell Norman Champlin, *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*, v. 6, dicionário, A – L (São Paulo, SP: Hagnos, 2001), p. 4377.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 303

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_, *Profetas e Reis*, p. 305.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 306 e 307.

<sup>6</sup> Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 106.

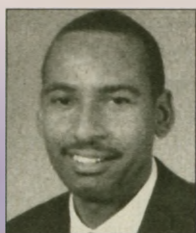
<sup>7</sup> \_\_\_\_\_, *O Colportor Evangelista*, p. 48.

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 231.

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 141.



# Preservando a herança do Senhor



Richard Daly

Pastor adventista em Bristol, Inglaterra

*“Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo”*

**T**enho três filhos, meninos, com sete, cinco e três anos de idade. Quase posso garantir que, no próximo sábado, um deles me perguntará: “Pai, a qual igreja nós iremos hoje? Iremos à grande ou à pequena?” Outro, certamente, perguntará: “Nós iremos à igreja nova ou à igreja velha?” O que normalmente segue é um debate entre eles, sobre qual igreja é a melhor: “Gosto da nova igreja, porque tem almoço depois do culto”, diz um deles. “Isto mesmo; e também tem maior espaço para podermos correr”, acrescenta outro. “É, mas Joseph [um amigo de outra igreja] não é dessa igreja”, observa ainda outro, desapontado. E o debate continua.

Sei que, comparado a outros colegas, ter três igrejas é um luxo e, mesmo assim, já enfrento consideráveis dificuldades. Como será com aqueles que pastoreiam um distrito com dez ou mais congregações? Para o pastor que tem sob seus cuidados muitas igrejas, a programação de sábado torna-se como um carrossel, e isso causa impacto em toda a família, especialmente nas crianças, que já enfrentam muitos problemas, como filhos de pastor.

Para mim, o processo do crescimento de nossa igreja aconteceu muito rapidamente. A principal igreja do distrito esgotou sua capacidade para abrigar membros e visitantes. Juntamente com a liderança, chegamos à conclusão de que a melhor saída seria plantar uma nova igreja, em lugar de investir na reforma e ampliação do edifício. Assim, quarenta membros foram transferidos para uma determinada área da cidade. Lá, deram início a um novo núcleo. Dentro de um ano, a igreja-mãe esgotara novamente sua capacidade. O entusiasmo de ver uma igreja ter nascido dela, e prosperado, deixara marcas positivas; de modo que a decisão de seguir o mesmo caminho foi tomada sem resistência. Dessa vez, o núcleo da nova congregação foi para outro extremo da cidade.

Para o evangelismo, isso foi maravilhoso. Pastoralmente, significou uma completa mudança na abordagem. O surgimento de três igrejas em três anos, em um ambiente cultural pouco acostumado a esse avanço, pareceu como gerar três filhos em três anos. Todas as áreas experimentaram grande impacto. Cada igreja reivindicava atenção exclusiva do seu pastor e cada uma delas tinha supostamente boas razões para fazer isso: a igreja-sede, porque era a maior. A igreja da zona norte da cidade, porque estava em fase de transição. A congregação da zona sul, porque era a mais nova. Portanto, pastoreá-las envolvia uma rotação semanal entre elas. Por essa razão, havia o debate entre meus filhos, cada manhã de sábado.

## Perigos ao redor

O impacto que um distrito pastoral gigantesco exerce sobre a família do pastor talvez não pareça grande na agenda inicial de qualquer seminário ou treinamento sobre plantio de igrejas. Para o pastor comum, entretanto, pode ser uma experiência de aprendizado que nasce da luta para buscar alguma forma de identidade entre a família e a igreja. Essa condição pode, em determinado momento, cobrar um preço muito elevado em termos da estabilidade familiar.





Poucos meses atrás, assisti a um concílio ministerial, durante o qual tivemos períodos especiais de oração. Foi aberta a oportunidade para que se fizessem pedidos em favor dos quais devíamos orar. Então, um colega solicitou que orássemos por seu filho adolescente, que já não queria frequentar a igreja. Pareceu como se esse pedido despertasse muitos outros colegas e pavimentasse o caminho para um intenso período de abertura e honestidade, por parte deles, em partilhar as lutas que enfrentavam para conservar seus filhos engajados nas atividades espirituais.

Não é raro lermos publicações a respeito dos desafios enfrentados pelos filhos dos pastores, e das crescentes exigências e expectativas que recaem sobre eles, no lar, na igreja e na comunidade. Muitos estereótipos ainda são mantidos. Os filhos dos pastores são nascidos em um mundo de intensas demandas e expectativas. Desde cedo, na vida, eles começam a experimentar as pressões de viver em uma casa de vidro, para a qual os olhares de outras pessoas estão sempre direcionados. Para piorar as coisas, algumas congregações frequentemente assumem que, se eles são filhos do pastor, têm que ser gigantes espirituais, ser capazes de citar passagens memorizadas da Bíblia, ou fazer orações com palavras eloqüentes de modo que Deus as ouça e responda imediatamente. Afinal, eles têm, dentro de si, algum tipo de ligação direta com o trono celestial. Para alguns pastores de grandes

distritos, essa pode ser, realmente, uma preocupação adicional.

Mas, pensando no que acontece em minha casa no sábado pela manhã, e ouvindo o debate dos meus filhos sobre qual igreja preferem, sou despertado para o fato de que, se a igreja não implementar um programa efetivo de trabalho, em consonância com o qual os filhos se sintam parte regular de uma experiência de Escola Sabatina e culto num ambiente familiar, cada semana, o debate que ouço pode tomar um curso bem diferente no futuro.

### Conseqüências dolorosas

Entre os efeitos que o pastorado de grandes distritos pode ter nos filhos, podemos enumerar os seguintes:

- ♦ Ausência dos pais em ocasiões especiais para os filhos, como Dia da Criança, por exemplo.
- ♦ Obrigar os filhos a ter de se acostumar a diferentes métodos de ensino e professores da Escola Sabatina em várias igrejas, cada semana.
- ♦ Redução do senso de pertinência ou comprometimento com uma igreja.
- ♦ Ser considerado visitante, em vez de ser tratado como membro regular.
- ♦ Incapacidade para estabelecer amizades firmes e duradouras.
- ♦ Alterações na espiritualidade, não detectadas por outros líderes.

A família do pastor gira em torno de programas, obrigações, necessidades e requerimentos da igreja. Os filhos aprendem rapidamente que vivem uma vida

de sacrifício. Aparentemente, devem compreender que as necessidades das outras pessoas são, muito frequentemente, de maior importância que as deles.

Ao conversar com filhos de pastores que deixaram a igreja, não raro ouço comentários como este: “Todas as vezes em que eu tentava conversar com meu pai, tudo o que eu ouvia era um sermão.” Um dos maiores obstáculos para os filhos não é tanto ter que ouvir o mesmo sermão em cada igreja, mas ter que ouvir um tipo de pregação do seu pai, no púlpito, e outro tipo na vida em família.

Entre outros comentários que também tenho ouvido, ao serem solicitados a dizer o que mais gostariam que o pai tivesse feito diferentemente, a resposta é sempre esta: “Desejaria que meu pai tivesse dedicado mais tempo comigo”. Tudo isso revela que muitos pastores estão sacrificando a família no altar do ministério, sob a desculpa de que, se estão servindo a Deus, então Ele cuidará da sua família. Embora seja verdade que Deus cuida de todos, e da família do pastor também, como pais, devemos aprender a equilibrar melhor nosso tempo, tendo em vista a segurança da nossa família, que é nosso primeiro campo de trabalho.

Possivelmente, o maior desafio de pastorear grandes distritos, e seus efeitos sobre a família, não seja tanto o que acontece no sábado, mas as muitas tarefas que impactam o pastor cada dia.

### Buscando equilíbrio

Sendo assim, como deve o pastor equilibrar as exigências do pastorado de cada igreja e, ao mesmo tempo, assegurar-se de que sua família não seja deixada com sentimentos de alienação ou marginalização? Podemos ter uma resposta parcial, ao procurarmos nos lembrar de onde deveriam residir nossas prioridades no esquema das responsabilidades pastorais.

Recentemente, ouvi um pastor jubilado cujo ministério foi muitíssimo celebrado. Ele falou de muitas coisas maravilhosas que tinha experimentado nas igrejas que pastoreou. Então, acrescentou o seguinte comentário: “Mas, eu paguei um alto preço pelo meu sucesso. Meus filhos não tiveram o que deveriam ter do seu pai e, hoje, vivem afastados do Senhor e da igreja”.

Enquanto observava suas lágrimas, pensei nos meus filhos. Acaso, desejo que eles aumentem essa estatística? De-



sejo ser lembrado como um pastor de sucesso, cujas igrejas cresceram muito, ou que realizou muitas outras coisas, ao custo da perda dos seus filhos? Conhecendo tudo o que conheço na teoria, estou preparado para sacrificá-los no altar do trabalho?

Perdido nesses pensamentos, fui lembrado por Deus de que Ele me chamou, também, para ser pai. Escrevendo sobre o dever do pai pastor, diz Ellen G. White: "O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos."<sup>1</sup> Meus filhos precisam saber que, junto com sua mãe, eles são as pessoas mais importantes em minha vida. Minhas congregações também necessitam saber disso.

Quais são algumas possíveis sugestões para nos resguardar no sentido de que nossos filhos não sejam levados pelo andar do carrssel da igreja? Um dos ajustes que fizemos, como família, foi deixar nossos filhos em uma das três igrejas, onde eles pudessem desenvolver semanalmente sua experiência de adoração a Deus.

## Estabelecendo prioridades

É muito fácil para o pastor, embora não intencionalmente, transmitir aos filhos a enganosa noção de que os membros têm prioridade sobre outras coisas, incluindo a família. Isso não quer dizer que o pastor não deva atender todas as situações para as quais é solicitado. Ele deve estar a postos 24 horas por dia. Às vezes, ocorre a morte de alguém ou algum outro imprevisto, estorvando um plano que ele já tinha feito com a família. Isso pode acontecer. Porém, os filhos devem ser informados que o imprevisto não o manterá para sempre longe deles. Planos devem ser feitos a fim de que, na primeira oportunidade, todos estejam juntos outra vez realizando o que pretendiam. Todo pastor deve planejar dedicar tempo aos filhos e cumprir escrupulosamente esse propósito.

Como fazer que essa prioridade funcione? Neste ponto é valioso ter claramente definidas todas as prioridades, a fim de que sejam feitos os ajustes necessários. Todas as prioridades da minha vida podem funcionar muito bem, na medida em que eu as conservar em seu devido lugar. Porém, quando uma prioridade inferior toma o lugar da superior, estou me encaminhando para o erro. Não posso ser fiel pastor, se negligenciar

a mais alta prioridade que é minha família. Na verdade, segundo a observação de Paulo, "se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?" (1Tm 3:5).

Estarei desqualificado para o ministério pastoral, se tal negligência caracterizar a minha vida. Espiritualmente, é desastroso colocar minha esposa acima do meu Senhor, meus filhos acima da minha esposa, ou meu trabalho pastoral acima de tudo isso. Porém, não é desprezo pela igreja que pastoreio dizer que seu lugar em minhas prioridades é depois da minha devoção a Cristo e depois da minha família. Ao contrário, as igrejas receberão muito mais, quando eu ministrar comprometido com essas prioridades.

Ao relembrar e considerar tais prioridades em minha vida, eu me torno mais habilitado a estabelecer e manter equilíbrio nas minhas obrigações pastorais. "Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo."<sup>2</sup> Como disse o salmista, "herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, Seu galardão" (Sl 127:3). Esse tesouro não pode ser negligenciado.


Não importa quanto malabarismo eu faça para atender todas as exigências de minhas congregações, parece que sempre haverá algo mais para ser feito. Algumas boas coisas que clamam por atenção devem ser deixadas para depois, até que eu faça o que é melhor ou essencial. Ao me encontrar tendo que realizar trabalhos difíceis, devo realizá-los segundo as prioridades de minha vocação. Então, posso ter em meu coração a tranquilidade de estar agindo pela fé, com base na reivindicação que Deus faz de minha vida.

## Resultados compensadores

Os benefícios de um ministério guiado por prioridades podem gerar grandes recompensas em todas as áreas de ação. Dentre outros benefícios, encontra-se a oportunidade para a igreja tomar iniciativas de desenvol-

ver seus ministérios locais, tendo o pastor como treinador e supervisor das atividades. É-nos dito que "o pastor não deve sentir que é seu dever fazer todas as pregações, todo o trabalho e todas as orações ... mas ... educar obreiros em cada igreja".<sup>3</sup>

Para a família do pastor, o benefício também pode ser redentor. O filho do pastor de um grande distrito, depois de ver o pai desenvolver criteriosamente seu trabalho, devidamente organizado com base em prioridades, disse o seguinte: "Tenho entendido cada vez melhor a igreja, à medida que vejo centenas de pessoas tocadas por Deus, salvas e libertas dos seus pecados para uma nova vida. Percebo, agora, que Deus faz a diferença."

Como podemos conseguir o equilíbrio entre pastorado de grandes distritos e o atendimento à família? A resposta para essa interrogação requer pais dedicados à oração, conscientes, comprometidos com Deus e que, diariamente, se deixam guiar pelo Espírito Santo. Que o Senhor nos ajude a conservar bem protegida a preciosa herança com que nos abençoou! 

### Referências:

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 204

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Pastoral Ministry*, (Silver Spring, MD: Associação Ministerial da Associação Geral da IASD, 1995), p. 264.





# Para um mundo sem princípios

**Fernando Iglésias**  
Orador dos programas  
*Está Escrito e A Voz da Profecia*

Quem, no mundo de hoje, valoriza “princípios”? Não se crê na gênese, segundo o Gênesis bíblico e, menos ainda, se valoriza princípios morais, éticos ou religiosos como forma de nortear a vida. Sem saber de onde vieram nem para onde vão, as pessoas buscam, primeiramente, saciar necessidades básicas, passando, em seguida, do ateísmo às milhares de filosofias espiritualistas, numa desesperada tentativa de convencerem a si mesmas que a vida não se resume somente ao que experimentamos aqui.

Embora o ateísmo seja a primeira escolha de muitos, não deve ser fácil viver sem fé num mundo como o nosso. Mesmo as pessoas mais fervorosas, que acreditam em Jesus como a saída, e no Céu, como promessa real, não estão imunes à depressão, solidão e desajustes familiares. Que dizer de quem pensa que tudo o que aqui vivemos aqui termina? Talvez seja por isso que os ateus resolveram imitar os cristãos e divulgar seu “não-evangelho”, tentando atrair mais pessoas ao ateísmo.

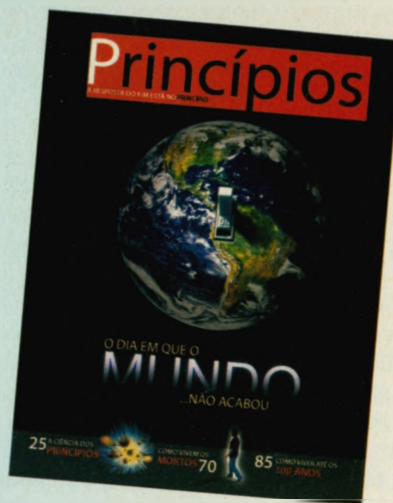
No ano passado, li na revista *Veja* um artigo intitulado “Os neo-ateístas”. Ao ser entrevistado, um dos cientistas declarou não ter a intenção de tirar a fé das pessoas, mas alcançar o grupo dos indecisos, aqueles que não acreditam na religião,

mas ainda não se declararam ateus. Segundo esse grupo de cientistas ateus, a religião faz mal ao mundo, pois, se ela não existisse, as torres gêmeas ainda estariam no mesmo lugar, não haveria guerra no Iraque, a Santa Inquisição nunca teria acontecido.

As coisas não são muito diferentes para os que tentam preencher o vazio espiritual fora do conhecimento bíblico. Embora as pessoas necessitem desesperadamente do “imaneente desconhecido”, estão cansadas de se sentirem enganadas. Por isso, em meio a tanta violência, injustiça, falta de amor e vazios interiores, tem gente que morre de fome espiritual, mas insiste em rejeitar o Pão da Vida, talvez por medo de ser “envenenado”.

Em meio a esse cenário, não surpreende que os pregadores encontrem dificuldades para levar a esta geração incrédula o conhecimento de um Deus Criador e de Sua verdade salvadora. Que argumentos seriam ideais para chegar à mente e ao coração de pessoas assim? Que curso bíblico usar para atraí-las?

Durante um bom tempo, estive inquieto. Mesmo sem saber do movimento de cientistas que estava acontecendo, tinha certeza de que nós, do *Está Escrito*, precisávamos fazer algo para disputar o público-alvo dos neo-ateístas e tirá-los das mãos do inimigo. Na época em que li a reportagem, fazia um ano que estávamos trabalhando num estudo bíblico




dirigido exatamente ao público indeciso que fica entre o ateísmo, o cristianismo e as filosofias espiritualistas. Ler aquela matéria só me fez ter mais certeza de que estávamos no caminho certo.

Graças a Deus, a *Série Princípios* já está pronta e chegará às mãos da igreja no fim de 2007, com a missão de atender aos anseios espirituais e intelectuais de quem quase perdeu a fé por causa das filosofias humanas. É a primeira série de estudos bíblicos dirigida a um público que tem dificuldades para acreditar na Bíblia.

Sem omitir nenhuma das 28 doutrinas fundamentais da IASD, a série foi preparada para atender a um público secularizado, acostumado com salas de aula, filmes, novelas e internet. Seu formato especial imita uma revista e faz da *Série Princípios* um curso bíblico acima de preconceitos. Com uma diagramação moderna e atual, muito parecida com as revistas mais lidas hoje em dia, trata-se de uma leitura atrativa e esclarecedora. Outra característica marcante é a franqueza com que trata o assunto da mortalidade da alma e sua relação com os ensinamentos espiritualistas. Longe de ser uma leitura maçante, embora profunda, é de fácil compreensão. É ótimo material para utilização em salas de aula, classes bíblicas e pequenos grupos.

A série ainda contém seis DVDs com 23 programas de aproximadamente 25 minutos cada, em alta definição de imagem e som. Ali se encontrará o Santuário de Israel em 3D, assim como a estátua de Nabucodonosor, reconstituições de histórias com atores, e entrevistas marcantes. No fim de cada programa, para o apelo, temos o melhor da nossa música, com canções inéditas gravadas ao vivo, especialmente para a série.

É com gratidão ao Senhor que colocamos à disposição da igreja este valioso material evangelístico. 



## “Sempre estarei com você”

Em 1989, um terremoto quase varreu a Armênia do mapa. Foi tão devastador que, em aproximadamente quatro minutos, mais de 30 mil pessoas perderam a vida. No meio do caos que se formou, um pai correu de sua casa em busca do filho que se encontrava na escola. Ao chegar ao local, quase desesperou-se, ao perceber que o quarteirão onde o edifício estava situado se transformara num montão de ruínas.

Desolado, enquanto olhava o que restara da escola, pensou em voltar para casa, mas lembrou-se de uma promessa que fizera ao filho: “Não importa o que acontecer, estarei sempre com você”. Lágrimas deslizaram por sua face, imaginando que nada poderia fazer naquela situação. Por outro lado, também não aceitava a idéia de falhar no cumprimento de sua promessa.


Olhou os escombros. Imaginou a estrutura do edifício e calculou a localização da sala onde o garoto estudava. Pôs-se, então, a cavar com as próprias mãos entre aquela montanha de pedaços de laje, terra, ferro retorcido e madeira, em busca do filho. Ao seu redor, outros pais e mães choravam, clamando por seus filhos. Alguns

tentaram impedi-lo de continuar a escavação. Policiais e bombeiros o aconselharam a se acalmar e voltar para casa. Nada disso o demoveu. Trinta e oito horas depois, ao remover um pedaço de concreto, ele ouviu vozes e gritos de crianças. Aguçou os ouvidos. Uma entre aquelas vozes lhe era familiar.

“Armand!! Armand!!!”, gritou.

“Pai, sou eu, pai. Estou aqui!”, respondeu o menino.

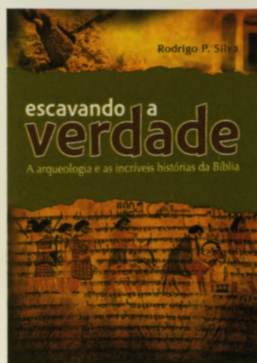
Em poucos instantes, ele tinha o filho nos braços. Ferido, cansado, sangrando, o menino lhe disse: “Eu sabia que você viria, pai. Eu disse às outras crianças para que ficassem calmas, porque você viria. Certo dia, você me disse: ‘Não importa o que acontecer, estarei sempre com você’. E você cumpriu sua promessa.”

Ao se sentir sob os escombros de algum terremoto da vida, lembre-se, pastor, de que o Pai celestial prometeu: “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28:20). Ele nunca falhará. 



Já li todos os salmos e provérbios, e ainda estou insone. Acho que vou reler alguns dos meus sermões, para ver se eles provocam sono, como dizem os irmãos.





## ESCAVANDO A VERDADE

Rodrigo P. Silva, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 176 páginas; fone 08009790606, sac@cpb.com.br

A escavação é um ponto de partida. A verdade é o único objetivo final que realmente interessa. Entre esses dois extremos, cabem aventuras, descobertas, polêmicas e conclusões. Neste livro, em uma visão panorâmica das principais descobertas arqueológicas relacionadas com a Bíblia, o Dr. Rodrigo P. Silva demonstra a confiabilidade histórica das Escrituras Sagradas e oferece ao leitor um valioso recurso para melhor compreendê-las no contexto do Oriente Próximo.

## MINHA VIDA DE PASTOR

Tércio Sarli (organizador), Certeza Editorial, Caixa Postal 3844, CEP 13070-973, Campinas, SP; 534 páginas, certezaeditorial@terra.com.br



Trata-se de uma coletânea de 53 autobiografias de pastores jubilados. Contabilizando, em média, 40 anos de trabalho dos biografados, o livro contém 2.120 anos de ricas experiências pessoais e do campo missionário. Tais experiências são altamente inspiradoras para os leitores, especialmente pastores, estudantes de teologia e obreiros em geral.

## OS MISTÉRIOS DE ÓRION

Yuri Mendes, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 116 páginas; fone 08009790606; sac@cpb.com.br



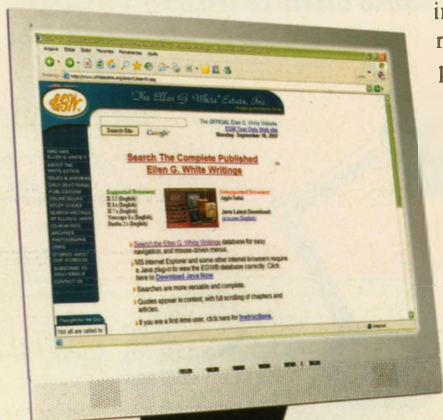
Muitos adventistas acreditam que Jesus voltará através de uma abertura em Órion. O que há de verdade nisso? Teria Ellen White realmente dito que a comitiva de Jesus passará por essa constelação? É possível, em termos científicos, viajar através de Órion? Neste livro, o autor discute essas e outras questões. Além de informação, o leitor encontrará inspiração e motivação espiritual.

## VEJA NA INTERNET <http://egwdatabase.whiteestate.org>

Esse é o endereço da área do *site* que disponibiliza para pesquisa todo o material de Ellen G. White publicado em inglês. Isso inclui todos os livros e compilações, artigos que foram publicados em revistas e jornais, a coleção intitulada *Manuscript Releases* e também a mais completa biografia (em seis volumes). Buscar por palavra, por frase, abrir um livro em determinada página ou mesmo ler um capítulo ou livro, desde o começo, é muito simples. E tudo está ali, livre e gratuito.

Outra área interessante do *site* do White Estate é a que dá acesso a mais de 1.200 fotos dos pioneiros adventistas: [www.whiteestate.org/photos/photos.asp](http://www.whiteestate.org/photos/photos.asp)

Portanto, para consultar os originais de Ellen G. White ou obter uma foto histórica não é necessário mais do que uns poucos cliques de mouse. – Márcio Dias Guarda







Alejandro Bullón

Secretário ministerial da  
Divisão Sul-Americana

# Pregadores da graça

**A** cabo de preparar oito sermões tirados do livro de Naum. São mensagens para a semana de colheita via satélite na Bolívia. O livro de Naum não é o maior livro da Bíblia, mas é um grande livro. À simples vista, é um livro de condenação. Naum profetizou a destruição de Nínive, cem anos depois de Jonas. Quando Jonas pregou, a cidade se arrependeu e Deus a perdoou. Mas, o tempo passou e os mesmos pecados tornaram a dominar o coração dos ninivitas. Então, Deus enviou Naum, anunciando a destruição da metrópole impenitente.

Gastei muitos dias analisando o livro de apenas três capítulos. Tentei achar a mensagem da graça redentora de Deus por trás dos terríveis anúncios de destruição, e não foi difícil. A graça é o fio vermelho que une cada um dos versos do livro. Desde o primeiro capítulo: “O Senhor é tardio em irar-Se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado” (v. 3), “o Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia” (v. 7), até o último verso do livro: “ão há remédio para a tua ferida; a tua chaga é incurável”. Todos eles falam de um Deus que espera, convida, e acredita no ser humano.

Se você não puder abrir a Bíblia e ver com clareza meridiana o tema da graça de Jesus em cada página, é preciso revisar sua compreensão da obra de Cristo. Esse é o único tema da Bíblia. Tudo o mais é complemento, contexto ou resultado daquilo que Jesus fez em favor do pecador, na cruz do Calvário.

Não podemos nos esquecer de que somos mensageiros da graça. O movimento adventista surgiu no século 19, em cumprimento da profecia que anunciava um anjo voando pelo meio do céu, tendo o “evangelho eterno”. Esse evangelho está escrito com letras garrafais, do início ao fim da Bíblia. Gênesis 1:1 afirma: “No princípio criou Deus o céu e a Terra”. Tudo é obra de Deus, Sua misericórdia e Seu poder. Ao ser humano, só restava aceitar ou rejeitar o mundo maravilhoso criado para ele. Tudo lhe foi entregue pela graça. No último verso da Bíblia, encontramos o seguinte: “A graça do Senhor Jesus seja com todos” (Ap 22:21). Não obras, não dinheiro, não esforços. Jesus tudo fez e entregou de graça ao ser humano. Graça no início e no fim. E, em cada página, ligando esses dois pólos, flui o sangue de Cristo, símbolo da graça.

Essa foi a mensagem que sustentou minha vida e meu

ministério. Foi o Senhor da graça que, um dia, me achou e me ensinou a andar em Seus caminhos. Foi Jesus quem me conduziu passo a passo, durante quase quatro décadas pregando o evangelho da graça. Neste ponto do meu ministério, posso cantar como os irmãos de fala espanhola: “Se não fosse por meu Jesus, minha alma estaria perdida, se não fosse por meu Jesus”.

Esta é a última vez que escrevo “De coração a coração” para *Ministério*. Como Paulo, posso dizer: “A hora de minha partida chegou”. Se você é um jovem pastor, e me perguntar: “Como consegui chegar a este momento?”, eu respondo: Pela graça maravilhosa de Cristo. Nada sou. Nada valho. Sou apenas barro. Mas, com esse material, Deus, em Seu maravilhoso amor, fez um vaso para dar de beber água da vida a muitas pessoas sedentas no deserto do pecado.

Parece que foi ontem quando, com apenas 21 anos, me apresentei ao presidente da Associação para iniciar meu trabalho. Era um jovem cheio de sonhos, planos e muito desejo de fazer grandes coisas para Deus. Quase não senti o tempo passar. Hoje, após quatro décadas, só tenho palavras de gratidão a esse Deus

que um dia me chamou para pregar Sua Palavra.

Continuo sonhando. Acredito que Deus ainda está disposto a fazer em minha vida, e através dela, maiores coisas. Tenho certeza de que a graça de Cristo continuará operando em minha experiência, na medida em que eu permitir. Cada dia, ao separar tempo para manter comunhão com Ele, estarei dizendo com essa atitude: “Senhor, estou aqui buscando Tua presença porque, sozinho, nada consigo, nada sou, nada posso. Preciso de Tua graça e Teu poder.” Cada vez em que, por qualquer motivo, negligenciarmos o tempo que devemos passar com Deus, estaremos dizendo: “Sozinho, posso viver. Não preciso de Ti, Senhor”.

Querido colega, aceite a graça de Jesus. Experimente-a, banhe-se na graça, pregue a graça. Exalte Jesus, do início ao fim de todo sermão, independentemente do assunto apresentado. Ponha Jesus do início ao fim de seu ministério. Depois, espere, como Paulo, a coroa da vida que o Senhor preparou, não somente para ele, mas também para todos nós que aguardamos a Sua vinda.

Que Deus conduza seu ministério. ❧

*“Ponha Jesus  
do início ao fim  
do seu ministério”*



# 5 Vantagens ao fazer sua assinatura!

**Fortaleça sua fé com estas  
preciosas publicações!**  
Agora não faltam motivos para você ter em mãos  
o conteúdo essencial da Revista Adventista e da  
Lição da Escola Sabatina.

- 1 Você garante alimento espiritual para o ano todo;
- 2 Economiza;
- 3 Recebe os exemplares no endereço de sua preferência;
- 4 Conta com a praticidade do serviço renova fácil;
- 5 Obtém auxílio indispensável no desenvolvimento da vida cristã.

Assine para  
seus filhos  
também!



Para assinar, ligue: 0800-9790606\*, acesse:  
[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br), faça o pedido no SELS de sua  
Associação ou dirija-se a uma das Lojas da CASA.

\*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

